

WICCA

A GRANDE ARTE DA BRUXARIA VERDE



MAGIA POPULAR, SABEDORIA DAS
FADAS e ARTE DAS ERVAS



n Moura (Aoumiel) feve tanto o Bacharelado no o Mestrado em História da Arte. Ela é casada, tem uma filha e um filho, e é uma certificada professora de história do Ensino Médio. Tem sido uma praticante solitária da Bruxaria Verde por mais de vinte anos. Ela criou o seu nome mágico, Aoumiel, para refletir sua visão pessoal do equilíbrio dos aspectos masculinos e femininos do vino. Sua mãe e sua avó eram brasileiras versadas em Bruxaria dos descendentes ibéricos que, enquanto ferviam com uma estrutura geral do Catolicismo, transmitiram uma herança de Magia popular e conceitos da Bruxaria que envolviam Espiritismo, divindades celtas antigas, feitiços herbais, Magia Verde, crença na Encarnação e regras para usar "o poder".

Bruxaria foi abordada igualmente em sua infância, tendo experimentada ou vivida conforme as situações ocorreram. Com os conceitos de feitiços com velas, ações herbais com a Magia, espiritismo, Encarnação, regras de



Autôres Esotéricos Tagajcionais



ÍNDICE

1. O Verde	15
História Verde	18
A Conexão de Tudo	21
A Lei do Retorno	25
Uma Religião e uma Arte	25
Sólitária ou Pública?	26
A Herança da Avó	26
Chegando em Casa	29
Conexões da Arte	30
Uma União Simbólica	31
A Chave para o Verde	34
Festivais Verdes	34
Poder Pessoal	35
2. Princípios Básicos	37
A Décima Segunda Noite e Outras Celebrações	38
A Vida-Mito e os Sabás	39
Questões Modernas na Celebração dos Sabás	42
As Diferentes Maneiras de Celebrar os Sabás	43
Uma Jornada Pessoal	44
Raízes Pagãs	48
O Altar do Sabá	50
Celebrações do Esbá	51
Rituais Alternativos	52
O Significado dos Nomes	53
O Ritual de Dedicação	55
Auxílios de Viagem	55
Fazendo os Agradecimentos Apropriados	56
3. Bruxas e Ervas	59
A Importância do Conhecimento Herbáceo	60
Estudo de Caso: Ervas como Contraceptivos	61
Educando-se a Respeito de Ervas	62



ÍNDICE

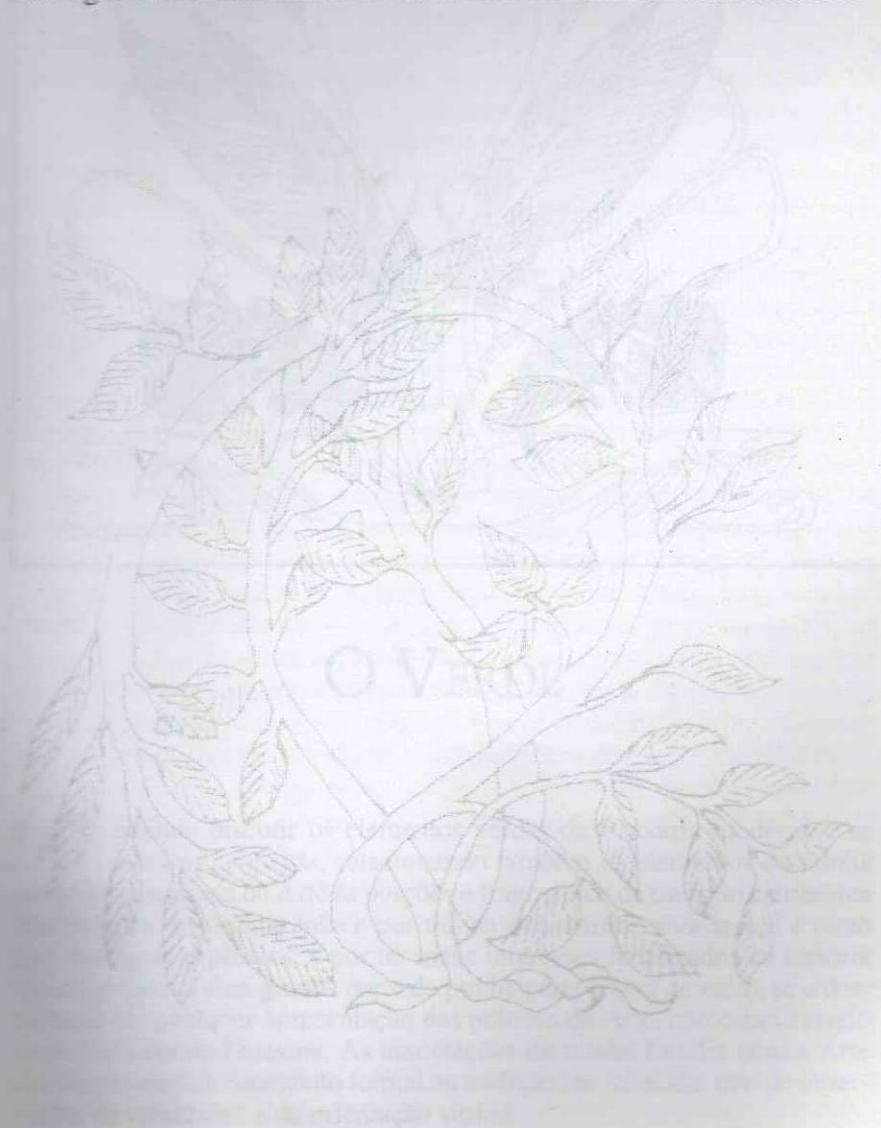
1. O Verde	15
História Verde	18
A Conexão de Tudo	21
A Lei do Retorno	25
Uma Religião e uma Arte	25
Solitária ou Pública?	26
A Herança da Avó	26
Chegando em Casa	29
Conexões da Arte	30
Uma União Simbólica	31
A Chave para o Verde	34
Festivais Verdes	34
Poder Pessoal	35
2. Princípios Básicos	37
A Décima Segunda Noite e Outras Celebrações	38
A Vida-Mito e os Sabás	39
Questões Modernas na Celebração dos Sabás	42
As Diferentes Maneiras de Celebrar os Sabás	43
Uma Jornada Pessoal	44
Raízes Pagãs	48
O Altar do Sabá	50
Celebrações do Esbá	51
Rituais Alternativos	52
O Significado dos Nomes	53
O Ritual de Dedicação	55
Auxílios de Viagem	55
Fazendo os Agradecimentos Apropriados	56
3. Bruxas e Ervas	59
A Importância do Conhecimento Herbáceo	60
Estudo de Caso: Ervas como Contraceptivos	61
Educando-se a Respeito de Ervas	62

O Jardim de Ervas da Bruxa	64
Eervas e suas Qualidades	65
As Eervas e os Ciclos da Lua	70
Eervas para Incenso e Magia da Vela	71
Bruxas e Árvores	73
Os Dias da Semana e as Árvores	74
Coleta e Armazenamento de Eervas	74
Tratamentos Herbáceos	75
Termos Medicinais	75
Banhos de Eervas	76
Travesseiros dos Sonhos	76
Relações entre as Cores	77
Significado das Eervas	78
Eervas em Rituais	79
Como Oferendas	79
Em Rituais de Sabás	79
Em Rituais da Lua	80
Em Rituais com Data Marcada	81
Dias	81
Horas	82
O Livro de Encantamentos de uma Bruxa	83
A Relação de uma Bruxa com a Natureza	84
 4. Vida Verde	85
Magia Cerimonial	85
A Influência Ariana	86
A Influência Verde	87
História da Arte	87
Tradições Essenciais	90
A Rede Wiccan	90
O Chamado da Deusa	92
A Runa das Bruxas	93
As Bênçãos Quíntupla e Sétupla	94
Outros Códigos Verdes	96
Sabedoria Familiar	98
 5. Magia	103
Bruxa ou Wiccan?	104
A Prática de Magia	105
Imagens Nativas Americanas e Magia	106
Tipos de Magia	107
Os Componentes do Ritual Mágico	108
O Círculo Significativo	108
Preparações Mágicas	109

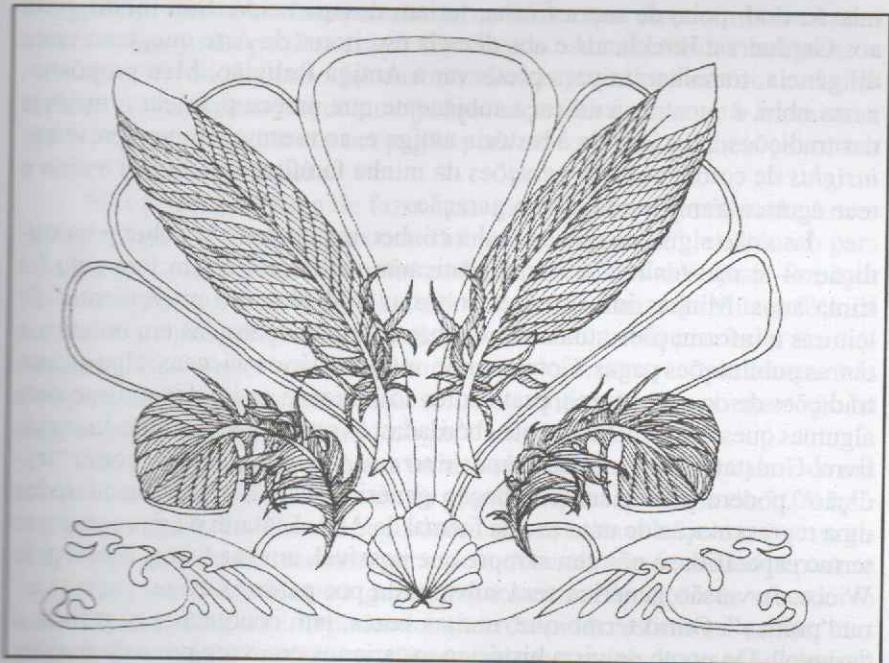
Tabelas Rúnicas	113
Magia da Vela	115
Simbolismo da Adivinhação	116
6. Práticas Mágicas	121
Técnicas de Adivinhação	121
Adivinhação com Chá	122
Adivinhação com uma Bola de Cristal	127
Adivinhação com Cartas	127
Arcanos Maiores (22 Cartas)	134
Arcanos Menores (56 Cartas)	136
Práticas Mágicas com Ervas	139
Banhos de Ervas	139
Óleos Herbais	140
Fatores do Trabalho Mágico	144
Fatores de Tempo	144
Fatores da Lua	145
Precauções	146
Runas	146
Saúde (I)	146
Saúde (II)	147
Amor	148
Dinheiro	150
7. Rituais Verdes	153
<i>Normas de Conduta</i>	157
Uma Bênção Verbal da Bruxa Verde	157
Sabás Menores (Quartos)	157
Sabás Maiores (Quartos Cruzados)	158
O Altar	158
O Círculo	159
Cerimônia Básica	159
Ritual de Iniciação/Rededicação	162
Ritual de Dedicação	166
Ritos de Passagem	172
Batismo (Apresentação)	173
Apresentação do Nome (Rito de Maioridade)	174
Casamento Wiccan (Pulando a Vassoura)	178
Divórcio Wiccan (Separação das Mão)	180
A Passagem para a Terra do Verão	181
8. Os Esbás	183
Preparando seu Altar	183
Rito do Esbá da Lua Cheia	184
Consagração de um Instrumento	187

Preparando seu Altar	190
Rito do Esbá da Lua Nova.....	190
9. Sabá de Yule — 21 de Dezembro	197
Preparando seu Altar	198
Instruções para a Cerimônia	199
Atividades de Yule	204
Algumas Cantigas Familiares de Yule com Letras pagãs	205
10. Sabá de Imbolc — 2 de Fevereiro	209
Preparando seu Altar	209
Instruções para a Cerimônia	210
Ritual de Rededicação	213
Atividades de Imbolc	216
11. Sabá de Ostara — 21 de Março	219
Preparando seu Altar	219
Instruções para a Cerimônia	220
Atividades de Ostara	225
12. Sabá de Beltane — 1º de Maio	227
Preparando seu Altar	227
Instruções para a Cerimônia	228
Atividades de Beltane	233
13. Sabá de Litha — 21 de Junho	235
Preparando seu Altar	235
Instruções para a Cerimônia	236
Ritual de Rededicação	239
Atividades de Litha	242
14. Sabá de Lughnassadh — 1º de Agosto	245
Preparando seu Altar	245
Instruções para a Cerimônia	246
Atividades de Lughnassadh	251
15. Sabá de Mabon — 21 de Setembro	255
Preparando seu Altar	255
Instruções para a Cerimônia	256
Atividades de Mabon	261
16. Sabá de Samhain — 31 de Outubro	263
Preparando seu Altar	263
Instruções para a Cerimônia	264
Atividades de Samhain	270
Nota de Despedida	270

Epiólogo	273
Apêndice — Influências Arianas e Dravídicas sobre as Religiões Ocidentais	277
Índice Remissivo	283
Bibliografia	285



I



O VERDE

*P*retendo discutir os elementos verdes da Bruxaria moderna e as práticas neopagãs, relacionando também os elementos da minha própria experiência da Arte às porções e fragmentos da tradição celtibérica transmitidos por minha mãe e por minha avó. Minha abordagem é tanto histórica quanto pessoal; e por ter meus interesses focalizados na história (pois representa uma grande parte de minha perspectiva de vida), se a descessasse em qualquer apresentação das práticas da Arte, não estaria sendo verdadeira comigo mesma. As associações de minha família com a Arte não decorrem de treinamento formal ou tradição reconhecida, mas de observação, de atividades e de orientação verbal.

Uma parte significativa da prática da Arte foi suavemente silenciada com a passagem pelas gerações. Só nas últimas décadas, com a formalização das tradições da Bruxaria, foram criadas práticas para preservar sua transmissão oral, pois, de outra forma, teriam desaparecido. Sou muito grata aos Gardners e Bucklands e aos demais escritores da Arte que, com tanta diligência, trabalharam para preservar a Antiga Religião. Meu propósito, nesta obra, é mostrar a ameaça subjacente que parece permear a maioria das tradições, relacioná-la à história antiga e, ao mesmo tempo, apresentar *insights* de como, por três gerações da minha família, esse fio foi tecido e tece agora a trama numa quarta geração.

Isso não significa que eu tenha conhecimento de tudo sobre uma tradição — e não tenho. Sou uma praticante solitária e assim tem sido há trinta anos. Minhas informações sobre as tradições são provenientes de leituras e informações atualizadas sobre a Arte encontradas em boletins e outras publicações pagãs. Correspondo-me com vários wiccans, alguns com tradições de *coven* e outros, praticantes solitários, e assim deparei-me com algumas questões, repetidamente abordadas, as quais serão focalizadas neste livro. Constatei que existem termos e *termos*, ou seja, palavras como “tradição” podem perder sua conotação genérica, banal, e ser consideradas uma representação de uma escola formal da Arte. Evitarei o emprego desse termo específico, a não ser, sempre que possível, em sua forma aceita pela Wicca. A versão genérica será substituída por palavras como “costume” ou “prática”. Outro termo que, muitas vezes, tem conotações negativas é “ariano”. Do ponto de vista histórico, os arianos eram um povo de regiões da Ásia central, que se estendeu para o oeste até a Ucrânia, sendo absorvido pelas culturas que conquistou há cerca de 3 mil anos. Nesta obra, não se fará qualquer relação com os arianos e os nazistas do século XX, ou com as intolerâncias racial, étnica e religiosa modernas. Os arianos, como povo distinto, simplesmente não existem mais, ainda que sua herança, assim como a do povo dravídico do subcontinente da Índia, seja encontrada em todo o mundo moderno.

Minhas práticas pessoais envolvem elementos que me atraem, mas nem por isso refletem a aprovação de qualquer outra tradição ou prática. Para fazer justiça, muitos costumes pagãos reconhecidos como de um grupo em particular são, na realidade, práticas comuns e mais antigas, formalizadas por esse grupo. O uso de um círculo não terá um significado mais Cerimonialista que a invocação de Brígida como católico romano. Os círculos são um costume que antecedem em milhares de anos os Cerimonialismos Medieval, e Brígida, por sua vez, era uma Deusa muito antes de ter se tornado uma santa cristã. Muitos templos pagãos e sítios sagrados são reconhecidos como cristãos — de Lourdes a Notre Dame —, mas hoje não é possível reivindicar, com qualquer validade histórica, que antigas crenças subjacentes às modernas sejam um domínio da modernidade. As quatro direções, os

elementais, o centro do espírito, a estrela de cinco pontas, a estrela no círculo — todos são imagens que datam de 10 mil a 12 mil anos sem a formalização da Wicca ou da tradição Cerimonial. Não obstante, foi graças às tradições Cerimonialistas e à moderna Wicca que esses símbolos e costumes antigos não perderam seu significado. A maioria das imagens da Arte e do Cerimonialismo foi encontrada à espreita nos escuros recessos das religiões dominantes, como o judaísmo, o Cristianismo e o islamismo, aproveitando o movimento neopagão para emergir das sombras e retornar a um ponto focal primário.

Minha tendência é a de fazer uma abordagem pragmática da Arte e das religiões em geral, o que contribui pouco para a “fé”, mas muito para estabelecer uma conexão com os poderes universais dos quais fazemos parte. A idéia de uma Deidade Dual imanente torna supérflua a fé e dá acesso a uma proposição mais fácil. Tudo isso contribui para estar em sintonia com as energias que fluem ao nosso redor e para reconhecer que nós e essas energias somos uma coisa só. A comunicação é contínua e não há uma chave comutadora para “desligar”.

Tenho a impressão de que a unidade humana com a força da vida era o estado normal das coisas antes da grande expansão ariana de 2100 a.C. Foi pela carência de líderes e seguidores, numa cultura belicosa, que surgiram as religiões mais recentes, gerando a necessidade de deidades para se impor às classes dominante e guerreira, com a interposição do sacerdócio entre as massas e a elite. O poder dos sacerdotes não estava nas armas, mas no espírito e, com o tempo, isso afastou o povo comum de sua unidade com o Universo em benefício da casta sacerdotal. Desde então, esse poder espiritual tem estado em guerra constante com o poder temporal (político). Essa é a fonte de atrito entre profetas e reis, papas e reis, pregadores e funcionários do governo — quem realmente governa o povo: os políticos, os legisladores ou os guias espirituais que se comunicam com Deus?

Com o ressurgimento das práticas pagãs nos tempos modernos, a classe sacerdotal viu-se sob a ameaça de uma significativa perda de poder. O humanismo e o Neopaganismo secular passam de mão em mão e são alvos de propaganda e histeria no mundo moderno — a mentalidade de Salem de nossos tempos. Os aspirantes a políticos aliam-se, e continuarão a aliar-se, a líderes do clero para adquirir poder e domínio. Uma facção alimenta-se de outra: ministros religiosos tornam-se poderosos expondo-se na mídia a um grande número de pessoas comuns, dando seu apoio a uma personagem política que, por sua vez, adquire poder expondo-se igualmente nos meios de comunicação a um grande público e pedindo o apoio do clero. Assim, é possível ver Nixon e Billy Graham, Kennedy e o Cardeal O'Connell, Bush e Pat Robertson, e assim por diante, unidos no mesmo propósito de controlar o governo dos americanos. Os livres-pensadores, sem essas parcerias políticas, geralmente são ignorados ou difamados.

Meu objetivo básico é, então, reunificar o indivíduo com as energias do Universo por meio de vários exercícios das tradições Wicca e magia Cerimonial. Minha abordagem pessoal não é a de assumir um compromisso com uma tradição; tomei emprestado o que desejava e descartei o que achei conveniente (ainda descarto). Embora eu não seja um membro de uma tradição específica, uso as várias práticas encontradas nas diversas tradições por ajudarem em minha união com o Divino. Emprego poucos elementos que, geralmente (ou absolutamente), não são reconhecidos nas tradições formais, mas foram reunidos de minha mãe e minha avó no âmbito do que, no passado, foram conceitos comuns ainda identificáveis em mitos e histórias. Não é minha intenção ofender ou desacreditar qualquer tradição, mas não posso ignorar os costumes sob os quais cresci, ou que percebo terem se tornado um ponto de interesse para muitas pessoas na Arte. Essas questões serão explicadas, no desenrolar do texto, para que o lado prático seja compensado pela crença.

É importante que as informações estejam disponíveis para que se tomem decisões informadas. Um júri é composto de pessoas que se sentam e, durante um julgamento, ouvem todas as provas, e depois são requisitadas a tomar uma decisão. Assim como se confia em pessoas para uma decisão sobre questões legais, são elas que deverão tomar decisões racionais sobre as questões do espírito. Temos nossas mentes e basta colocá-las para funcionar em conjunto com nossos espíritos para que sejamos seres completos e atuantes. Assim como a Senhora e o Senhor são Um, minha perspectiva é a de nos unificarmos dentro de nós mesmos. Nossas mentes podem trabalhar com nossos espíritos para oferecer-nos uma conexão com as energias do Universo e com cada um de nós.

História Verde

Nesta obra, o uso do termo “Verde” como um elemento essencial de Bruxaria procede de várias fontes facilmente identificáveis no Paganismo moderno. O verde é a cor usada para descrever o culto à natureza e o uso das ervas, ambos uma parte integrante da humanidade desde os tempos primeiros. Relaciona-se ao Senhor e à Senhora da Floresta Verde, o Pai Primordial e a Mãe Primordial, a Mãe-Terra e o Senhor do Bosque. Os povos celtas e gaélicos usavam essa cor para denotar os espíritos da terra, as *fadas* (termos utilizados sem associação com azar ou predestinação, como em algumas literaturas), como se nota numa variedade de lendas em que a simples menção da cor revela a verdadeira natureza da pessoa envolvida. Recomendo muito a obra de Katherine Briggs, *An Encyclopedia of Fairies* para se obter uma excelente análise e compilação de temas, lendas e contos de fadas.

O verde era uma cor importante para as pessoas das Ilhas Britânicas, que mantinham regras específicas para fabricar e usar a tintura verde. Os homens podiam participar do trabalho do cultivo da planta, mas as demais partes do processo de tintura eram executadas somente por mulheres. O matiz natural e apropriado da cor era o resultado de um procedimento longo e participativo que podia integrar um ritual (veja *The Witches' Almanac*, 1992-1993, Pepper e Wilcox, pp. 88-89, para alguns detalhes fascinantes colhidos de Briggs, Lady Wilde e outros). Se inadequadamente criada, a cor era considerada de mau agouro. É preciso muito cuidado quando se trabalha com as cores do Outro Povo, mas, independentemente do material ter sido bem ou mal tingido, os escoceses consideram-na uma cor de mau agouro que só deve ser usada por alguém em sintonia com a terra e a Arte do Sábio.

Embora as fadas figurem nos elementos Verdes da Bruxaria, não se trata das mesmas tradições de fadas ou elfos da Wicca. As antigas origens das práticas da Arte Verde são facilmente identificáveis em aspectos das várias tradições atuais de Bruxaria (ou Wicca), magia Cerimonial e diversas práticas geralmente agrupadas sob o título de Neopaganismo. Nessas expressões pagãs, os fatores Verdes são o fundamento sobre o qual as idéias e as práticas mais recentes se estratificaram. Esse sólido nível básico provém principalmente do que constituía a "Antiga Religião", tal como era antes das inovações de deidades políticas, dogmas autoritários, sacerdócio designado, rituais complexos e graus de iniciações.

Nos sistemas nórdico-teutônicos (muitas vezes identificados como "arianos" no sentido histórico do termo), o nível básico é chamado de Verde, enquanto os níveis adicionais, "mais elevados", que são o Vermelho e a unificação de Azul e Branco, tornam-se o foco primário de adoração e prática. A identidade e função das deidades, entretanto, oferecem evidências de suas origens e propósitos reais. O Verde pertence ao Senhor e à Senhora (*Frey e Freya*, em tradução literal); para o Senhor representa a abundância e a fertilidade e, para a Senhora, a paz e o amor e ainda os imensos poderes da magia. O Vermelho pertence ao Guerreiro (*Thor*), representando a força. O nível superior é dividido entre o Branco, que pertence ao Legislador (*Tyr*), simbolizando a lei e a ordem sociais, e o Azul, que pertence ao Soberano (*Odin*), representa o poder paterno do chefe, o poder mágico (runas) e o auto-sacrifício mágico. Essas mesmas deidades aparecem em outras estruturas religiosas (mas com nomes diferentes).

A Senhora pode deslocar-se para o reino superior de Odin, e ela supostamente lhe ensinou sua magia, cujo efeito prático foi que Odin, uma deidade mais recente, usurpou a posição de Senhor do nível Verde, no sistema nórdico. Uma deidade de governo foi criada há cerca de 4 mil anos para se equiparar à realidade política de um modo de vida comunitário que estava sendo substituído por uma sociedade governada; portanto, as deidades dos níveis Vermelho, Branco e Azul são inovações relativamente recentes,

especialmente destinadas (ou evoluídas) a autorizar a nova situação política. No entanto, como descreve Edred Thorsson em *Northern Magic*, o nível Verde é o nível verdadeiro da bruxa.

Em meu livro, *Dancing Shadows: The Roots of Western Religious Beliefs*, fiz uma reconstituição dos níveis nórdicos ao longo do tempo. Embora as novas deidades, como o Guerreiro, o Legislador e o Soberano, sejam encontradas já há 4 mil anos, as mais antigas práticas religiosas conhecidas da humanidade são originárias de um povo chamado dravídico, que vivia no Vale do Indo. Sua religião, remontando a 30 mil anos, disseminou-se através dos milênios por tribos de mercadores navegantes, constituindo o núcleo dos sistemas pagãos em toda a Europa.

O povo dravídico ainda existe como um grupo étnico distinto na Índia de hoje, e suas práticas, em grande parte, refletem o que costumamos chamar de Paganismo europeu — os conceitos e até os nomes são reconhecíveis. A Deidade Dual da região do Indo, o Shiva (ou *Isha*) dravídico (e não hindu) e Shakti (ou *Uma, Danu*), pode ser vista de uma perspectiva que remonta a uma época de migrações e rotas comerciais como a precursora da dualidade européia do Senhor e da Senhora — o Deus Cornífero do amor, fertilidade e vida selvagem e a Deusa da vida, morte e renascimento — que mais tarde veio a ser conhecida por nível (base) Verde da tradição Odinista (*Asatru*). O nível Verde reflete a religião primitiva antes do estabelecimento das classes guerreira e governante, antes, até mesmo, da necessidade da criação de deidades políticas para autorizar o poder dos soberanos, por meio de uma classe sacerdotal. Foi esta última classe que provocou, mais tarde, a separação do povo de suas deidades, levando ao padrão subsequente do distanciamento de Deus, refletido nas principais religiões modernas.

É significativo compreender aqui que, ao escrever sobre o estilo Verde de Bruxaria, estarei tratando de deidades que passaram a ser uma parte da tradição hindu védica com base ariana, mas essas deidades antecedem, em dezenas de milhares de anos, até mesmo essa antiga religião. Não se trata, por exemplo, de misturar panteões para observar tanto Shiva quanto Cernunos. As origens de Cernunos remontam ao Shiva dravídico que, em descobertas arqueológicas do Indo, é representado com chifres e cercado de animais selvagens e domésticos, simbolizando a fertilidade e o amor, ensinando e abençoando em postura de ioga. Cernunos, observado no caldeirão celta mais recente de Gundestrup, também está sentado em postura de ioga, tem chifres e é cercado de animais, com uma das mãos para o alto abençoando. Essa é a deidade que os celtas levaram para a Europa, sendo eles próprios uma herança dravídica, um povo cuja entrada na Europa e nas Ilhas Britânicas (pela Península Ibérica) ocorreu a partir de seu lar, na Lídia, como consequência das expansões das tribos arianas de 2000 a 1000 a.C. No Apêndice, apresento uma discussão adicional sobre o desenvolvimento religioso.

Em minha prática da Arte, tentei me aproximar o máximo possível dos costumes Verdes e descobri que isso não envolve o estabelecimento de litanias, pregadores ou rituais estilizados, exigências de vestimentas e equipamentos ou dogmas. Deduzi, de minhas conversações com outras bruxas, tanto tradicionais quanto solitárias, e de leituras sobre as práticas de outros povos, ser uma prática comum não se conformar a um estilo ou formato. Foi essa abordagem pagã que incitou o afastamento da Reforma Protestante da elaborada ostentação do ritual católico — codificado e sectário sem espaço para a improvisação e sem a necessidade de compreensão — voltando-se para uma expressão mais simples da religião.

Não é uma coincidência que as cerimônias da Roma católica tenham sido descartadas pelos povos germânicos com herança e prática pagãs rurais. As vestimentas, formalidades e tipo de altar católicos são provenientes do imperador romano Diocleciano, que governou como um deus, sendo devidamente venerado como tal. A Igreja Católica simplesmente apropriou-se das cerimônias dioclecianas e as rotulou de cristãs, após o afastamento do velho imperador. O papa tornou-se o imperador da religião. John Romer oferece uma análise fascinante dessa evolução da prática religiosa em sua apresentação em vídeo, *Testament*.

A Conexão de Tudo

A bruxa de nível Verde não precisa de instruções detalhadas sobre a aproximação com o Divino, pois bruxa e Divino conectam-se como Um. A bruxa Verde só realiza rituais que apelam para um ponto de enfoque individual, sendo estes mais elaborados ou mais simples em função do temperamento que os ditar. Em muitas pessoas praticantes da Bruxaria Verde natural, há um senso de anarquia festiva, ao lado de um senso de posse, porque a bruxa não é uma administradora da Terra, a bruxa é a Terra. O que a Terra é, a bruxa é — seja parte do Sistema Solar, da galáxia, do Universo, ou mais — somos uma parte integrante do Todo. Como expresso na série de televisão *A Practical Guide to the Universe*, somos todos constituídos de poeira de estrelas.

Sendo parte da Terra, em todas as suas manifestações, somos então panteístas e animistas. O planeta é como o caldeirão de Cerridwyn, e fazemos parte do ensopado fervente em seu interior. Às vezes subimos à superfície, estouramos e voltamos para a sopa, misturando-nos ao seu conteúdo e subindo novamente. As formas da criação são sempre mutantes, pois a mudança é um sinal de vida e não algo a temer. A ciência reconhece, como faziam os antigos, que a energia é imortal, uma visão em desacordo com a mensagem do Cristianismo — acredite na imortalidade de Jesus ou morra.

Mas até mesmo esse dogma é confuso, pois as Escrituras declaram que os incrédulos viverão realmente para sempre, só que num lago de fogo e/ou nos tormentos do inferno (um lugar curiosamente denominado segundo a Deusa norueguesa Hel¹, soberana do submundo nórdico, para onde todos iam após a morte para repousar antes do renascimento).

No nível Verde, a vida é uma energia imortal. A mensagem da Deusa de que não “morremos” é o que a religião judaica tentou suprimir há 2,5 mil anos em sua história da Árvore da Vida (um tema dravídico). Para os estudantes de religião e cosmologia, é comum afirmar-se que a Deusa representa a matéria (*Mater; Matri; Mãe*) e o Deus representa a energia (Espírito; Fogo; Pai). Ele é a vida, e ela é a forma assumida pela vida; um precisa do outro para sua definição. Essa é uma herança de quase 30 mil anos de Shiva e Shakti dravídicos. É a tendência atual à rejeição da matéria em favor da energia que lança as pessoas num conflito com sua própria existência. A negação da unidade de nosso corpo e espírito projeta um elemento de auto-repugnância à nova religião controladora do prazer da vida individual, impondo restrições artificiais e transformando a morte em algo preferível à vida.

Na espécie humana, o ódio pelo receptor material do espírito, o corpo, é representado pelo suicídio. Grande parte das guerras da sociedade e dos problemas psicológicos pode ser rastreada até a separação das pessoas de sua alegria de viver em unidade com a Deusa e o Deus. Na verdade, os primeiros cristãos, entre eles Santo Agostinho, ensinavam que a união sexual era o mal, e ter filhos era a evidência do pecado cometido e todas as pessoas deveriam ser celibatárias para ter valor no reino de Deus. Agostinho manteve uma amante durante a maior parte de sua vida sacerdotal; no entanto, adiava o batismo na crença de que seria então perdoado. É muito interessante que o destino do “mau” rei Herodes — uma morte dolorosa por vermes intestinais, vista como um sinal da punição de Deus — tenha sido a mesma morte de Santo Agostinho, mesmo sendo chamado de santo. Se as pessoas realmente praticassem o que o Cristianismo primitivo pregava, o resultado teria sido o fim da espécie humana. Por esse motivo, os chamados para esposar os “valores da família cristã” são historicamente cômicos — foram os pagãos romanos durante o século V d.C. que denunciaram o Cristianismo como prejudicial aos valores da família (Tácito). Recomendo a agradável leitura de *History of Civilization: Part IV, The Age of Faith*, de Will Durant, para quem queira iniciar um estudo sobre história religiosa.

As conexões encontradas por meio dos elementos Verdes da Arte colocam seu praticante em harmonia não apenas com a Senhora e o Senhor (que são considerados iguais), a terra, as estrelas e o Universo, mas também

I. N. do T. — A autora refere-se à palavra inglesa *hell*, que significa *inferno*.

com outras formas de vida e com os elementais. Os quatro elementais são mais que uma personificação da terra, do ar, do fogo e da água; mais que os símbolos de cores, direções, estações e aspectos. Eles são as entidades reais dos poderes que o praticante pode invocar em seu auxílio. Eles são parte da Deusa e do Deus, mas, assim como muitos cristãos se sentem melhor em recorrer ao Filho de Deus, ou aos santos, muitas bruxas descobrem que trabalham melhor concentrando-se nos poderes elementais das Deidades Duais. Como são aspectos do Senhor e da Senhora, ambos são considerados em relação a cada deidade; no caso da Senhora (matéria), a terra e a água, no caso do Senhor (energia), o ar e o fogo. Vejo nisso um significado mais profundo.

Há quem veja os elementais como forças desconhecidas sem personalidade — como “algo”. A meu ver, sendo eu constituída por partes desses elementais, sou “quem” eles são. Eu os chamo de minha família: a terra está em meu corpo, o ar movimenta minha respiração e rege o meu intelecto, o fogo é a chispa de energia dentro de mim e em minha paixão e a água está em meus líquidos corporais e em minhas emoções. Aprendi, pelos contatos com outras bruxas, que não estou só neste ponto de vista, assim talvez esta seja uma propensão subjacente à Bruxaria atual que, simplesmente, não foi bem divulgada.

Minha aproximação pessoal com os elementais, desenvolvida a partir da herança panteísta de minha mãe e de sua mãe, não é encontrada na maioria das tradições de meu conhecimento. Meus estudos subsequentes indicam que minha mãe e minha avó, ambas brasileiras, de ascendência celtibera (cujo sobrenome é o nome de um deus céltico), transmitiram-me uma perspectiva praticada ainda hoje na moderna origem das religiões dravídicas e védicas, conhecidas como hinduísmo. A Bruxaria de herança européia contém aspectos da cultura dravídica, que se disseminou por meio de uma série de migrações, sendo a onda mais recente a dos ciganos (a princípio considerados egípcios pelos europeus, mas, subsequentemente, reconhecidos pelos historiadores como procedentes da Índia, tendo um ramo viajado pelo Egito, chegando mais tarde à Espanha, por volta do século XII d.C., e outro ramo pela Europa Oriental), e considero tanto as qualidades panteísticas quanto animistas como partes da relação com os elementais.

Ao se conectar à natureza e ao Universo, a bruxa espera passar por novas e significativas experiências e com isso adquirir *insights*, o que é uma boa razão para se manter um diário de sonhos e visões. Em razão dessa inspiração, vejo que os elementais são forças tão “pessoais” quanto o Senhor e a Senhora — a conexão entre o Deus e a Deusa e os elementais é maravilhosa demais para ser banida ou evocada como mera lembrança. Depois de muito ponderar se deveria ou não incorporar essa tradição à minha prática pessoal, cheguei à conclusão de que, de minha perspectiva animista, isso não era correto.



As conexões encontradas por meio dos elementos Verdes da Arte colocam seu praticante em harmonia não apenas com a Senhora e o Senhor (que são considerados iguais), a terra, as estrelas e o Universo, mas também com outras formas de vida e com os elementais.

A Lei do Retorno

Nas tradições wiccans e em todas as formas de prática de magia, existe uma Lei do Retorno. Na Wicca, esta é geralmente chamada de Lei do Triplo Retorno, ou seja, sempre que se emite um poder mágico, ele retorna triplicado, porém esse conceito foi-me ensinado de maneira mais equitativa por minha mãe e avó materna. “O que se envia, volta”, disse-me minha mãe em várias ocasiões. Este é um elemento Verde cuja reformulação é encontrada em crenças dominantes como “faça aos outros o que gostaria que lhe fizessem”. Estou mais inclinada a aceitar uma Lei do Retorno equivalente, que aparece com mais frequência em diversas fontes nos vários sistemas de crença e filosofias gregas. A ênfase original não estava tanto em ser um bom vizinho e cumpridor das leis civis, senão na advertência de não cultivar a magia para fazer o mal aos outros. Disso provém a declaração da tradicional Rede das bruxas: “Faça o que quiser, mas sem prejudicar a ninguém”, que acrescentei à minha prática Verde por sua propriedade e uso disseminado na Wicca. A Lei do Retorno sempre foi o principal guia para a minha mãe e minha avó, e a lógica de ambas é a mesma. Não se prejudica os outros, pois o que for enviado, voltará; portanto o indivíduo estará prejudicando a si mesmo.

Uma Religião e uma Arte

Como ressalta Marion Green em seu livro *A Witch Alone*, a Bruxaria é tanto uma religião, que reverencia ao Senhor e à Senhora (e não uma crença em ambos, pois sua imanência torna a fé desnecessária), quanto uma Arte, com fórmulas mágicas, encantamentos e uso do conhecimento de ervas. Na tendência atual da vida, a lei da prática religiosa pagã passou a relacionar-se a regras civis, sendo apresentada como ética, enquanto o poder da magia passou a ser uma propriedade de sacerdotes e distribuída em nome do povo, sob certas condições e com a devida compensação.

Isso leva a um outro aspecto dos costumes Verdes do passado: a magia não era realizada com pagamento em moeda. Se uma pessoa fizesse uma doação por vontade própria, isso era aceitável, mas a bruxa raramente pedia ou exigia algo em troca. A herança Verde indica que se fazia um intercâmbio para “garantir” a magia, como nos contos de fadas, isto é, dar um presente para receber um presente. A instrução era uma outra questão, porém, considerada de maneira diferente do magistério na escola. O “estudante”, na realidade, era um “buscador” e, nesse caso, exigir um pagamento

poderia constituir um obstáculo ao seu desenvolvimento espiritual, com exceção talvez de um serviço de aprendizes. No entanto, as coisas mudaram, e hoje não é realista o ideal de uma bruxa de vilarejo com o seu aprendiz ou fazer magia e receber pagamentos simbólicos, como alimento e material. O número de buscadores é enorme e a despesa de treinamento seria proibitiva. A Arte é aprendida realmente por intuição; portanto, a bruxa mais experiente só pode oferecer o benefício dessa experiência, cabendo ao buscador aceitar ou descartar. Afinal, é o buscador que deve se conectar pessoalmente à Senhora e ao Senhor. A aprendizagem, contudo, é uma estrada sem fim.

Solitária ou Pública?

Em sua maioria, os elementos Verdes da Arte, desde suas origens, são considerados uma prática solitária, ainda que tenham elementos públicos, reúnam-se em *covens* e sobreponham-se a quase qualquer tradição. Entretanto, o aspecto de união pessoal com o Divino não se presta ao dogma, e um *coven* focalizado nos elementos Verdes teria de apresentar variações na abordagem. Quando “redescoberta” a Wicca, no início do século XX, a idéia inicialmente promovida foi a de que sempre existiram *covens* de bruxas praticando sua Arte num ambiente secreto. Mais tarde, quando era difícil defender as teorias de Margaret Murray sobre práticas contínuas, postulou-se que a tradição wicca nunca havia sido transmitida e tudo o que, hoje, se autodenominasse Bruxaria, basicamente, só poderia ser invenção. Essas idéias são conhecidas entre as bruxas praticantes; foram escritos vários livros e artigos a respeito e, em alguns casos, surgiram controvérsias na comunidade pagã. O Paganismo tem muitas seitas e denominações, exatamente como Cristianismo, Judaísmo e Islamismo, e algumas são muito defensivas com relação à sua herança. Do ponto de vista pragmático, isso é desnecessário.

A Herança da Avó

Ouvi muitas pessoas perguntarem o que fazer para se tornarem “bruxas reais”, e isso, para mim, é incômodo. As tradições que dependiam de uma série de iniciações (gardneriana e alexandrina, por exemplo), às vezes, são apresentadas como “legítimas” por seus vínculos com Gardner, enquanto a chamada “Herança da Avó” viu-se restrita às conclusões errôneas de Murray, passando a ser aceita, basicamente, como fraudulenta. No

entanto, aceitar uma visão estreita, que transforma os herdeiros de uma variação gardneriana específica da Wicca em “verdadeiros” bruxos, é fingir que nunca houve outros bruxos no mundo, ou manter uma visão míope, limitada à Europa. Mais uma vez, essa questão poderia ser considerada mera terminologia. Para alguns, a palavra wiccan não significa o mesmo que bruxa, mas as definições ainda são nebulosas e pode ser que, no decorrer das próximas décadas, ainda venham a ser elaboradas. Para mim, a idéia de ser bruxa não é um problema, mas não me vejo ainda como wiccan, a não ser com o uso intercambiável das palavras.

O que talvez se some a essa confusão não é o fato de não haver uma “Herança da Avó”, mas é ter esta provocado equívocos entre as pessoas que escrevem sobre os wiccans orientados em *covens*. Com base em minha própria experiência, há, na realidade, dois tipos de “Herança da Avó” — aquele em que a avó (e/ou avô) praticava artes populares, sem relação com as convenções religiosas da Terra, e aquele em que o avô praticava a Arte no âmbito dessas convenções religiosas. Os elementos Verdes, em sua maioria, sobreviveram a 2 mil anos de opressão cristã, ou pela integração às religiões prevalentes, ou pelo não-reconhecimento. O trabalho de magia era feito sem pagamento, não havendo envolvimento de leis civis e somente com a troca de objetos simbólicos, como um sistema de troca à parte do setor de impostos e burocracia.

Em minha própria experiência familiar, minha avó materna era conhecida, em sua região, como herborista e curandeira. Ela era consultada mesmo quando havia médicos disponíveis, pois era conhecida por curar, com seus remédios herbáceo, até os casos mais desesperadores. Os pagamentos que recebia eram coisas como galinhas, frutas e peças estranhas espalhadas em torno da casa e do quintal. Muitas vezes, o que recebia era apenas gratidão. Ela era procurada para feitiços, curas, “o poder” e conselho, mas ninguém a chamava de bruxa; trabalhava de maneira bastante confortável no âmbito das tradições populares da Igreja Católica no Brasil. Em seu caso, não havia elementos da *macumba* afro-brasileira; em vez disso, ela se voltava para suas raízes celtiberas de Portugal e Galícia (nordeste da Espanha). Não causa surpresa que considere os textos sobre Bruxaria céltica os mais significativos para mim, porém, incluo a conexão dravídica. Minha mãe também se relacionava com o Shiva dravídico, por seu aspecto de mestre e curador; quando seu irmão entrou na faculdade de medicina, ela o presenteou com um pequeno Shiva.

O povo não-aborígine dos Estados Unidos, em sua maioria, perdeu o contato com as raízes pagãs simplesmente por não se expor a elas há dois séculos. Isso é particularmente verdadeiro com relação aos descendentes de europeus. A cultura religiosa da América cristã é bastante apagada se comparada com a da Europa cristã. Quantas pessoas na América conhecem a Dança de Morris, o pulo sobre a fogueira, a dança em volta do mastro

enfeitado com fitas e flores, o homem verde, a parada dos bobos, ou quaisquer outras tradições pagãs ainda mantidas na Europa e nas Ilhas Britânicas dentro do contexto cristão ou paralelas a ele? Não há pedras verticais às quais se relacionar (como Avebury ou Stonehenge), não há milhares de anos de história pré-cristã com base européia, mitologia e cenários e nem cavernas de antigos ancestrais, túmulos e arterfatos funerários para influenciar as práticas religiosas do americano descendente do europeu.

Tenho uma sensação de perda por essa distância entre as bruxas americanas e sua herança européia, pois, por mais que se estude e aprenda, a cultura não está “viva”. O que atrai na Arte é a expressão proveniente de experiências e sentimentos do praticante. Por exemplo, é agradável aprender o celta (todo conhecimento é agradável), mas há grande diferença entre aprender o idioma e ser criado como um celta, em Gales.

Mesmo na Europa, os celtas são um povo indefinível. Outras culturas, seja a romana, germânica, nórdica ou saxônica, trabalharam tão diligentemente, no decorrer dos séculos, para erradicar os rivais étnicos celtas, que só resta hoje aos europeus com essa ascendência juntar os fragmentos do que foi céltico um dia. Atualmente, os lugares na América, onde é acentuada a herança pagã, são aquelas áreas em que os costumes populares de grupos étnicos isolados permaneceram quase inalterados, como é o caso das práticas célticas de pessoas com herança irlandesa ou escocesa, nos Montes Apalaches.

Outro aspecto de uma solitária “Herança da Avó”, que dificulta uma avaliação dessa influência, é a falta de treinamento formal dos praticantes solitários em comparação com os *covens* modernos. Minha avó (e há outras bruxas com experiências semelhantes) nunca instruiu ninguém em curas herbáceas, fórmulas mágicas ou encantamentos, mas utilizava-os na vida diária, quando necessário. Os membros da família simplesmente captavam as coisas só pelo fato de conviverem com as práticas reais. Minha própria mãe transmitiu algumas fórmulas mágicas e princípios orientadores, mas sei que muitos feitiços se perderam porque ela os esqueceu ou nunca houve necessidade de serem utilizados.

Apesar disso, minha mãe se considerava católica, pois, para ela, a Igreja Católica era uma conexão com o passado pagão e, em seus últimos anos, o que a motivava a freqüentar a missa eram os óleos de unção e a magia sagrada do sacerdote. Não obstante toda a retórica católica sobre pecado, paraíso e inferno, ela acreditava ainda fervorosamente no espiritismo e na reencarnação — idéias que seriam consideradas não-cristãs, caso falasse de maneira descuidada a respeito delas. Assim, para muitos solitários, a herança sempre esteve aí, evidenciada talvez por costumes não-ortodoxos, coexistindo com as práticas cristãs.

Os elementos Verdes da Arte são como a “Herança da Avó” — silenciosa e sem ostentação. Há aspectos da Antiga Religião que se transferiram para a tendência dominante, como a árvore de Natal (um desenvolvimento

cristão relativamente recente), o visco, o azevinho, etc.; alguns deles, por seus vínculos pagãos, eram ilegais há apenas dois séculos. Hoje, essa tendência a incorporar as práticas pagãs é muito mais manifesta em pessoas que se vêem como cristãs, mas também aceitam as idéias da Nova Era. Os cristais, as ervas, as velas e a meditação induzem com facilidade a um ambiente cristão.

Chegando em Casa

Para muitas bruxas modernas, a sensação de chegar em casa, que é encontrada na Wicca, deve-se, em parte, a uma aceitação pessoal do processo intuitivo que resgatou a herança antiga. Para o êxito da transição, devem ser descartados os receios infundados, induzidos pelas crenças dominantes com o propósito de controlar seus membros, e o indivíduo deve estar aberto ao poder da Deusa e do Deus. As deidades da Wicca não são as deidades políticas punitivas das religiões convencionais. Quando a Wicca fala de amar o Deus e a Deusa, não há uma lista de leis, exigências de dieta, dogmas, formas de adoração ou mesmo necessidade de reconhecimentos do tipo “testemunho”. Não há senão uma maior a ser lembrada: “o que é enviado, volta”.

Os materiais Verdes utilizados com maior freqüência são as ervas e outros objetos naturais (flores, galhos, nozes, pedras, cascas, etc.), velas e invocações. Também se usam óleos, inscrições, cordões de fibras, penas e tecidos naturais, como lã, algodão e musselina (que é, simplesmente, um algodão mais forte). Às vezes, esses objetos são armazenados como parte de um suprimento mágico, mas, geralmente, são obtidos nas proximidades, conforme a necessidade. O Senhor e a Senhora sempre proverão o que é preciso para se fazer um encantamento, desde as palavras para o ritual até os materiais a utilizar. Você aprenderá com a experiência a confiar neles para suas necessidades.

Outro item encontrado no costume Verde é uma estaca bifurcada (*stang*)². Tive muitas ao longo dos anos. Mudei de casa muitas vezes e sempre encontrei uma ótima estaca na nova localidade. A estaca é utilizada enquanto moro numa área, mas deixo-a para trás quando mudo de casa, pois pertence àquele lugar.

Só recentemente isso mudou, e a maneira como se deu essa mudança foi significativa para mim. Atualmente, estou numa área de que gosto muito, mas logo estarei mudando novamente para onde deverá ser minha residência definitiva. Ao chegar aqui pela primeira vez, sem dúvida logo ganhei

2. N. da T. — A estaca é usada como símbolo de alguns covens.

uma estaca e, quando percebi que faria a nova mudança, comecei a pensar em levar comigo algo do espírito dessa área. Havia algumas lindas árvores na vizinhança, muitas das quais já cortadas. Ao passar por uma pilha de árvores podadas, notei que, no monte de restos, havia muitas estacas bifurcadas, fortes, retas e perfeitas. Agora, tenho estacas permanentes para todos da família, e a decoração individual de cada uma é um ritual que personaliza a estaca, ao mesmo tempo que nos permite levar conosco uma parte do espírito desta região. De uma certa maneira, fui presenteada com os últimos vestígios de árvores que se foram, e as estacas permanecerão ligadas ao Senhor e à Senhora quando servirem aos ritos e trabalhos da Arte. Essas estacas podem ser utilizadas como altares naturais em rituais ao ar livre ou, simplesmente, como cajados para caminhada. Quando em recinto fechado, minha estaca é a portadora de alguns dos meus instrumentos: penas, cordão, sacola e guirlandas sazonais.

Conexões da Arte

As deidades do nível Verde da Arte são as Antigas da história da humanidade, com nomes que bruxuleiam às margens de nossa percepção de 2 mil anos atrás e, portanto, não têm nome. Muitas denominações populares para o Deus e para a Deusa, existentes nas comunidades wiccans, têm suas origens em várias heranças. Entre estes nomes estão Cerridwen, Cernunos, Hécate, Herne, Danu, Lugh, Parvati, Shiva, Kali, Hades e muitos outros do Oriente Próximo, do Extremo Oriente, da Europa, da África e da Américas. Porém, os mais antigos dos antigos são Grande Mãe e Grande Pai, Senhor e Senhora, que figuram na criação e na destruição, no início e no fim e ainda na renovação e no renascimento.

Embora muitas modernas tradições da Wicca incorporem elementos da magia Cerimonial, associando Cabala e listas de anjos, arcangels (e suas contrapartes demoníacas), reinos e níveis, esses aspectos são desnecessários para a experiência Verde. Em vez disso, ocorre uma comunicação aberta com os antigos e, à medida que praticar este diálogo, seus poderes serão aumentados pelo uso. Os instrumentos do intercâmbio são os familiares; por exemplo, a bruxa de cozinha dos tempos modernos está próxima dos elementos Verdes da Arte. É desnecessário seguir um padrão específico de atividade na condução do ritual porque a ênfase está na individualidade. As pessoas de hoje não precisam imitar os supostos padrões de comportamento humano de alguns séculos (ou milênios) atrás para fazer o que parece ser o correto. Algumas vezes, a aproximação com costumes esquecidos intensifica o trabalho ritualístico; em outras ocasiões, enfraquece-o. Somente o praticante pode decidir o que deve ser usado ou descartado.

No passado, por exemplo, só a nobreza usava espadas; as charnecas certamente eram muito frias e úmidas para os círculos de nudismo, especialmente numa época em que a doença era uma ameaça terrível à sobrevivência, e as pessoas, em sua maioria, eram iletradas e não se regiam por calendários para as coisas da natureza, mas, sim, pela mudança das estações, quando estas de fato ocorriam. Os calendários da herança romana foram reformulados pela Igreja para institucionalizar um comportamento em conformidade. Nos tempos modernos, à parte as inibições das religiões ortodoxas, o fato de dançar nu pode ajudar, ou então, desenhar um círculo com uma espada pode acrescentar visualizações para o indivíduo. É sempre uma questão de escolha pessoal.

Quem praticava o nível Verde da Arte eram as pessoas comuns, o povo que vivia perto da terra e conhecia os ciclos da natureza em seu giro no tempo e os padrões de crescimento. Seus utensílios eram da natureza ou de seu cotidiano existentes na região, e as capas rituais deveriam ser as mesmas do vestuário diário, ou um traje de festivais, supondo-se que tivessem a felicidade de possuir tal coisa. Não tinham uma litania escrita, pois eram analfabetos, e transmitiam sua Arte por meio de vários mitos e práticas diárias. Em *Buckland's Complete Book of Witchcraft*, são oferecidas muitas opções, admitindo-se que o praticante da Arte lance mão dos elementos e os selecione para formular um caminho conveniente. Nesse sentido, é uma excelente obra que apresenta as inúmeras variedades de abordagens da Arte.

Uma União Simbólica

Recebi cartas de várias mulheres perguntando-me se para se tornarem bruxas "reais" devem manter relações sexuais com o líder de um *coven*. Esse é outro aspecto controverso da Arte que precisa ser discutido simplesmente porque não pode ser ignorado. A idéia de ter de manter relações sexuais com o líder de um *coven* produz o efeito indesejável de ligar a Wicca a cultos cristãos, como os de Jim Jones ou David Koresh (nos quais garotas de apenas 11 e 12 anos eram submetidas, por seus pais dominados, ao controle destes homens, para iniciação sexual e para serem fecundadas pelos líderes do culto), mas *não* é assim na Wicca. Em várias publicações pagás, as pessoas são constantemente advertidas sobre o potencial para a dominação, controle e egomania numa situação de *coven*. Mais uma vez, se algo lhe parecer desconfortável, então não é adequado para você. As bruxas não são praticantes de um culto; pelo contrário, são individualistas, e sempre que encontrar um ambiente de *coven* onde se negue o poder do indivíduo, será melhor procurar outro lugar para se associar.

Para os que imaginam que a energia sexual produza resultados mágicos, esta é, na realidade, uma situação um pouco duvidosa e diferente a cada tentativa. A psicologia sexual humana é imensamente variável, não apenas entre casais, mas também a cada encontro, em termos individuais. A sexualidade é de natureza tão pessoal e íntima que somente quem sabe verdadeiramente como são as coisas está em condições de experimentá-la. Mas, para um casal manter uma relação sexual visando a um determinado propósito, uma pessoa deve depender totalmente da outra para não se desconcentrar nem se perder em imagens mentais, e quantos indivíduos podem afirmar honestamente que conseguem isso? Talvez funcione, porém, digo mais uma vez, talvez não. Rhiannon Ryall em *West Country Wicca* diz que, em sua infância, os membros do *coven* acreditavam que, se uma mulher engravidasse durante a iniciação, não estaria apta a trabalhar adequadamente com a magia. Assim, além do inesperado (e talvez indesejado) bebê, a mulher seria acusada de perturbar a magia e considerada uma bruxa incompetente. Essa atitude, além de degradante para as mulheres, é simplesmente uma outra maneira de afirmar a dominação masculina numa religião que deveria ser regida pelo equilíbrio. As chances de gravidez dependem muito dos ciclos internos da mulher, sem qualquer relação com o ato de fazer magia para ser distribuída numa assembleia (como é sugerido por Ryall). Hoje, o risco da Aids e das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), sem considerar o possível dano psicológico, deve ser compensado pelas expectativas de ganhos. As chances de êxito são muito maiores para os casais monogâmicos, em que há a preocupação mútua dos parceiros e, em caso de insucesso, é menor a probabilidade de ser provocado algum dano psicológico.

Os etruscos realizavam as uniões sexuais na presença de outras pessoas, sem qualquer preocupação e, depois dos banquetes, deleitavam-se assistindo uns aos outros, segundo os escritores gregos (que consideravam tal comportamento ignominioso). A cópula pública era perfeitamente aceitável, e os homens não sabiam, nem se preocupavam em saber, quem havia gerado os filhos num casamento — mas essa sociedade não existe mais (Massa, *The World of the Etruscans*). Quem poderá dizer se a pretensa imoralidade dos imperadores romanos não seria uma tentativa de retornar à herança etrusca que precedeu os romanos? No entanto, ainda que as sociedades mudem, não estamos separados de nossas culturas e, assim, o acesso de um *coven* à magia sexual pode ter um resultado com uma tônica mais de sofrimento e infelicidade que de geração de poder. Parece razoável, então, que essa magia se reserve a casais oficiais ou reconhecidos.

De que se trata, então, a história do Grande Rito? Era a união simbólica da energia e da matéria, mais tarde substituída pela transubstancialização hoje utilizada na Eucaristia cristã. A transformação da unidade de Deus e da Deusa em união física humana originou-se de um casamento entre a Grande Sacerdotisa e o rei secular que governava por um ano e um dia. Merlin Stone (*When God was a Woman*) e Joseph Campbell (série *Masks*

of God) apresentam *insights* sobre o desenvolvimento dessa prática em diferentes culturas, particularmente no Oriente Próximo. O público testemunhava essa união de líderes sagrados e seculares, acreditando que isso assegurava por um ano a fertilidade da terra e das pessoas. No final daquele período, o rei era executado em sacrifício voluntário, e seu papel passava a ser então o de um Deus Sacrificado; seu corpo e sangue eram distribuídos pelos campos do reino numa comunhão sagrada ceremonial. Na realidade, esse é o ancestral do sacramento cristão com o mesmo título, comunhão, e renascendo como o milho (*corn* é a palavra inglesa utilizada na Europa com o significado de grãos, especialmente trigo ou aveia; o mesmo termo, significando milho, refere-se a uma planta da América), que sustentava o povo.

É importante lembrar, porém, que se tratava de uma realização pública, institucionalizada, relevante apenas naquele momento da história em que surgiu. As bruxas modernas não realizam sacrifícios de sangue, nem queimam ou estrangulam mensageiros para os deuses. Da mesma forma, não realizam uma união sexual diante de toda a comunidade nacional — e a palavra “nacional” é vital. O evento antigo não se restringia a um pequeno público de membros selecionados, como num *coven*, nem a uma determinada área isolada de uma pequena assembleia (uma opção oferecida por alguns *covens*), mas diante de milhares de espectadores como parte integrante de uma cerimônia civil. Os espectadores participavam, então, do banquete, das uniões sexuais e da celebração em geral. Era um evento social.

A aplicação da união sexual à Bruxaria representa mais um Cerimonial que uma herança wicca, pois tem origem num período tardio de um sacerdócio instituído. Isso ocorreu quando o poder da liderança feminina na religião foi usurpado por sacerdotes arianos, quando então as sacerdotisas se tornaram um instrumento de procriação pelo qual um rei secular permanente (ou faraó) chegava ao trono de maneira legítima pelo casamento (veja Stone).

Com relação à bruxa prática, o Grande Rito é realizado introduzindo-se a faca (*athame*) no cálice durante o ritual; assim, enquanto o primeiro evento situa-se fora do contexto de um *coven*, o segundo é pessoal e simbólico, sendo adequado tanto para um ritual particular quanto para um *coven*. A união simbólica do homem e da mulher dá-se para a felicidade de ambos e, certamente, para quem se sentir mal com a idéia de manter relações sexuais com o líder de um *coven*, a atitude correta é não fazê-lo.

Na realidade, existem apenas alguns *covens* que exigem a união sexual para se atingir um grau mais elevado de iniciação; porém, é uma exceção e não a regra. A bruxa Verde passa pela experiência do Grande Rito pela união pessoal com a Senhora e o Senhor. O uso de “graus” é uma prática derivada de ordens mágicas Cerimoniais e não precisa ser aplicado à Bruxaria. Como diz Marion Green, ou você é uma bruxa ou não é: não existem graus envolvidos. O sacrifício real do rei tornou-se obsoleto, sendo substituído pela cerimônia simbólica; portanto, nem é o caso de se reviver em parte uma prática que até antigos descartaram totalmente.

A Chave para o Verde

O elemento Verde no centro de toda a expressão da Arte é a Deusa imortal, tríplice e associada à Terra, à Lua e às águas vivas (sagradas), e o Deus imortal, tríplice e associado à Terra, ao Sol e ao céu. Como o Deus do grão e das fases solares, ele também representa o sacrifício voluntário que “morre” e “renasce” na Deusa, no ciclo anual das estações. Deus, o Pai, Deus, o Filho, e Deus, o Espírito Santo, é o conceito da Trindade que remonta há 30 mil anos, a Shiva, o Deus Tríplice. Ele é tanto a semente como a energia eterna da vida.

O termo “Verde” é, portanto, um pouco genérico para os elementos que podem ser encontrados nas Bruxarias herbácea, natural, tradicional ou de tradição familiar, e tem uma grande flexibilidade e diversidade. Os elementos Verdes podem ser adaptados aos aspectos Cerimoniais considerados atraentes e constituem o nível básico da tradição Odinista (muito restritiva com relação à aceitação dos elementos — não são utilizados, por exemplo, Cabala e Tarô). A chave para a faceta Verde da Bruxaria é estar em sintonia com a natureza e as forças naturais que a cercam.

Festivais Verdes

Os festivais do nível Verde estão centrados nos solstícios e equinócios. Marion Green refere-se aos outros Sabás como “Festivais Brancos”, relativos a eventos nas vidas da Deusa e do Deus, mas, na realidade, os Sabás solares também se relacionam aos eventos de suas vidas-mitos, e um total de oito Sabás pode ser visto como uma história de contínua sobreposição mística. Quando eu era criança, a mudança das estações — primavera, verão, outono e inverno — era observada por minha família, junto com a véspera do dia de Todos os Santos e a Festa da Colheita, ignorando-se, portanto, dois Sabás tradicionais — Imbolc, em fevereiro, e Lughnassadh, em agosto. Há muito tempo, incluí, então, esses dois Sabás em minha própria roda do ano, pois descobri que são relevantes e completam o meu ano.

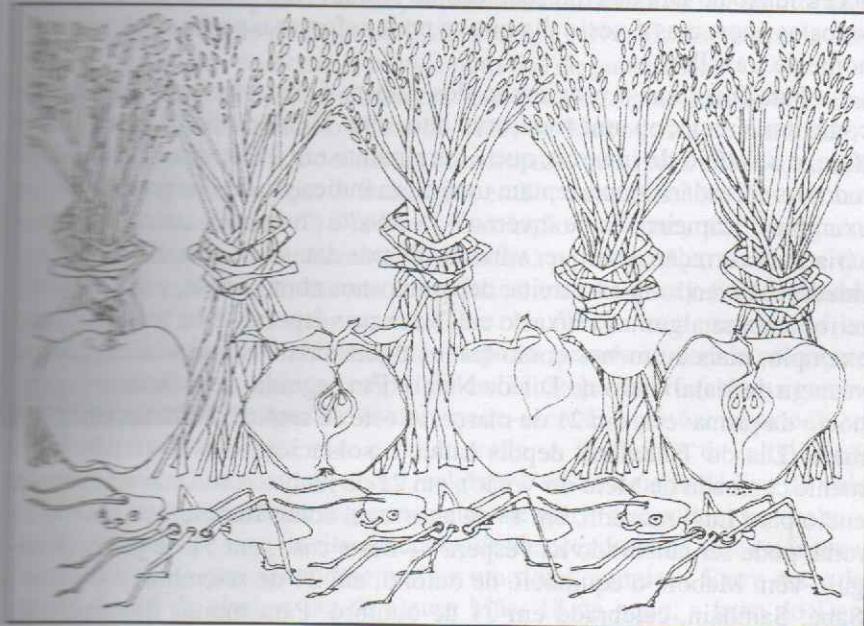
Como as estações de plantios e colheitas são variáveis, dependendo de onde nos localizemos no mundo, de um ponto de vista prático, os oito Sabás concentram-se em quartos e em quartos cruzados³, conforme sua relação com o mito do Deus e da Deusa. Eu classifico os festivais solares

3. N. da T. — Os quartos referiam-se às quatro estações. Os ciclos marcantes dentro das quatro estações foram chamados pelos antigos de quartos cruzados, ou Sabás das bruxas, por serem considerados um período de muito poder no qual as bruxas atuavam.

em quartos, os Sabás menores, e os quartos cruzados, os Sabás maiores, localizados em pontos intermediários entre eles; porém, em leituras sobre as diferentes tradições da Wicca, tenho observado o uso intercambiável dessas classificações, em várias combinações. Em alguns *covens*, são celebrados apenas quatro Sabás; em outros, conforme o Sabá, os papéis de liderança entre o Sumo Sacerdote e a Grande Sacerdotisa são trocados. Cada Sabá merece atenção pela sintonia com a Terra e com o Universo, mas, como vez ou outra tenho omitido alguns, sei que isso é comum entre outras bruxas. Algumas vezes, a celebração ocorre um dia antes ou depois da época normal, e sempre dá resultado porque a Arte não é dogmática nem possuída de ortodoxia. A contribuição do próprio indivíduo é vital.

Poder Pessoal

À medida que estudar a Arte, faça suas próprias interpretações e variações. Não existem encantamentos ou receitas infalíveis, porém, os apresentados nesta obra foram experimentados e são fórmulas verdadeiras que atingiram seus objetivos. Cada bruxa deve fazer algum tipo de mudança para personalizar uma fórmula adotada de um livro de feitiços. As tabelas de comparações podem ser manipuladas da forma mais adequada dentro de um esquema geral. Algo importante a ser lembrado é que a magia assume um lugar entre você e as deidades invocadas. É pessoal, e você cria o seu próprio poder sublime.



PRINCÍPIOS BÁSICOS

Sabás da Wicca são muito consistentes em qualquer tradição. O ano é dividido em quatro partes ou quartos referentes aos solstícios e equinócios (os Sabás menores) e em quartos cruzados (os Sabás maiores) nos pontos intermediários dos quartos principais; embora algumas tradições façam livres adaptações a esses termos, a seqüência permanece bastante uniforme. Em minha aplicação pessoal, não são utilizados os termos "menores" e "maiores" para os Sabás, enquanto os quartos indicam os Sabás das quatro estações, formando a Cruz Solar na roda do ano. Algumas tradições wiccans celebram somente quatro dos oito Sabás e, enquanto eu cresci, observamos seis (porém com seus nomes seculares em vez de "Sabás"). Além dos oito festivais aceitos, existe um outro festival, às vezes observa-

do — o festival anual chamado Décima Segunda Noite. Para os que o observam, essa é uma data geralmente à parte, reservada apenas para uma necessidade no Dia da Apresentação do Nome. Não precisa ser celebrado todos os anos, mas é nesse dia que se pode reforçar o poder da Arte ou do nome de trabalho.

Para imaginar a progressão dos Sabás, é mais fácil pensar no ano como um círculo, ou uma roda, com oito raios. Começando de cima, temos Yule, o solstício de inverno, que é geralmente em 21 de dezembro (quase todos os calendários apresentam uma clara indicação das fases solares, por exemplo, “primeiro dia de inverno”, “verão” e “outono”; assim, se necessária uma correção, qualquer variação dessas datas é encontrada com facilidade). Movendo-nos à direita, deparamo-nos com Imbolc, em 2 de fevereiro, embora algumas bruxas o celebrem na véspera, 1º de fevereiro (por exemplo, mais ou menos como fazem alguns cristãos que vão à igreja na véspera de Natal e não no Dia de Natal). Em seguida, vem Ostara, o equinócio da primavera, em 21 de março. A este se seguem Beltane, em 1º de maio (Dia do Trabalho), depois Litha, o solstício de verão (tradicionalmente chamado de Meio do Verão), em 21 de junho. A roda do ano avança então para Lughnassadh, em 1º de agosto, e, como Imbolc, seu oposto na roda, pode ser celebrado na véspera — neste caso, em 31 de julho. A seguir, vêm Mabon, o equinócio de outono, em 21 de setembro, e o último Sabá, Samhain, celebrado em 31 de outubro. Para muitas das tradições wiccans, o ano começa de novo a partir deste ponto e a roda vira, então, na direção de Yule.

A Décima Segunda Noite e Outras Celebrações

É fácil notar que, nos tempos antigos, antes do calendário cristão totalmente unificado, a celebração do Ano-Novo era variável de uma tradição a outra. Para muitas pessoas, Samhain era o fim do ano velho e o último Sabá do ano. Mas, por outro lado, Yule era o dia em que o Sol começava sua jornada de volta à Terra, e assim também era apropriado considerá-lo o último Sabá do ano velho e o início do novo ano. A data de 1º de janeiro é simplesmente a conciliação do ponto intermediário entre Yule e a Décima Segunda Noite, apropriada pelos cristãos e celebrada como Epifania, o dia em que os três Reis Magos localizaram Jesus e o reconheceram como o Cristo (um tipo de Dia da Apresentação do Nome, ocorrido cerca de dois anos após seu nascimento, apesar de serem mostradas cenas

de presépio). Marion Green diz que, nos primeiros tempos, nesse dia, as crianças eram introduzidas na comunidade de adultos por meio de uma cerimônia de apresentação do nome, relacionada ao nome de Deus. Em cada comunidade, o nome de Deus seria diferente, e talvez fizesse parte da cerimônia a revelação do nome à criança num rito de puberdade.

Na antiga tradição, do nascimento até o Dia da Apresentação do Nome, o Deus era simplesmente o Filho da Mãe, ou Mabon. Na comunidade, a Décima Segunda Noite é celebrada anualmente, mas, para uma bruxa solitária, isso é desnecessário. A indicação, então, é somente usar um elemento Verde, como é o caso do Dia da Apresentação do Nome, quando alguém, a própria bruxa ou um membro da família, por exemplo, a criança que chega à puberdade (geralmente entre doze e catorze anos), é formalmente introduzida e escolhe seu nome de Arte. Na Wicca moderna, esse é um Rito de Passagem. Na realidade, não importa quando se decide começar o Ano-Novo, mas, para mim, sempre foi em 31 de dezembro (com origem no Hogmanay, o Dia de Ano-Novo normando-escocês), por fazer parte da sociedade cultural em que vivo e fui educada. A finalidade da religião não deve separar as pessoas, mas, sim, celebrar e reverenciar a dádiva da vida.

Existem outras datas dispersas pelo calendário que podem ser designadas para qualquer grau de rito desejado, desde acender uma vela ou incenso diante de uma imagem até desenvolver um ritual completo. Entre essas datas, estão 14 de abril, o dia da Deusa Mãe, 18 de maio, a festa do Deus Cornífero, 20 de agosto, o dia do casamento do Deus e da Deusa (após sua união e fecundação, como era a tradição entre as pessoas nos tempos antigos), 23 de setembro, o dia de Ishtar, e 27 de novembro, que se desdobra em dia de Parvati e dia do Deus Tríplice. Há numerosas publicações, como *Goddess' Book of Days, Witches' Almanacs* e *Magical Almanacs*, que podem ser examinadas em busca de informações sobre os vários feriados no mundo todo para a escolha dos favoritos — os exemplos citados são apenas alguns dos meus. Geralmente, utilizo um almanaque e agrada-me designar um novo calendário, com todos os feriados para o próximo ano, como parte de meu ritual de Yule. Em minha casa, todos os membros da família sempre recebem calendários de presente em Yule.

A Vida-Mito e os Sabás

Os Sabás integram-se à vida-mito da Deusa e do Deus. Para isso, é preciso conhecer a natureza alegórica do mito, pois, algumas vezes, as deidades serão dois seres diferentes quase ao mesmo tempo. Normalmente, isso se explica pela condição mutável da Deusa — desde a grávida, que será mãe em Mabon, até a anciã, em Samhain, e a nova mãe, em Yule —

mesmo que, em termos míticos, isso signifique que ela é, ao mesmo tempo, a anciã e a grávida, sendo jovem novamente em Imbolc. Na vida-mito do Deus, ele fecunda a Deusa, “morre” no outono e “renasce” no inverno. Ele é, ao mesmo tempo, o Rei das Sombras, em Samhain, e o Rei Sagrado (Papai Noel) em Yule, substituído pelo Rei Carvalho (ou o bebê Ano-Novo) no solstício de inverno — banindo-se, por assim dizer, quando então o aspecto escuro do inverno dá lugar ao aspecto do Deus Sol como “Luz do Mundo”. De certa maneira, tudo isso vem como um todo e evoca o senso de ordem do mundo e dos ciclos da vida.

Yule [Yool] (21 de dezembro) é o momento em que a Deusa dá à luz ao Deus (um conto popular que o Cristianismo transformou em um de seus principais feriados). Esta é a hora do renascimento, quando as velas são acesas para dar as boas-vindas ao Deus, o Sol do solstício de inverno, que está retornando. O Rei Sagrado, que está de partida, oferece presentes (especialmente às crianças) na véspera de Yule, enquanto viaja pelo céu, em seu trenó solar, puxado pelos oito Sabás personificados por renas. Ele era chamado de *Velho Nick*, pelos pagãos nórdicos, personagem usurpada pelo Cristianismo e transformada num santo bispo chamado Nicolau, hoje reconhecido como Papai Noel (enquanto “Velho Nick” passou a ser o nome do Diabo — o deus cornífero da natureza dos pagãos). Este é um feriado descrito por pagãos e cristãos como um momento santo e um nascimento sagrado. Minha mãe e minha avó, que eram católicas, concentravam sua adoração na Virgem Maria, porém, o mais atraente era o nascimento da “Luz do Mundo”. As celebrações do solstício do inverno eram realizadas em 25 e não em 21 de dezembro, demonstrando como as observâncias pagãs, com o tempo, mesclararam-se sem dificuldades com a religião cristã (entretanto, a árvore de minha família nunca teve um anjo no alto; era sempre uma estrela de cinco pontas).

Imbolc [*Em-bowl/g*] (2 de fevereiro) é o momento em que a Deusa recupera-se do parto, rejuvenescida, e o Deus é um jovem cheio de vida. É um tempo de purificação e dedicação. Durante a minha infância, esse Sabá nunca foi celebrado, pois as quatro estações eram consideradas as principais.

Ostara [*Oh-star-ah*] (21 de março) é o equinócio da primavera, momento em que o Deus e a Deusa caminham pelos campos induzindo a reprodução das criaturas. O primeiro dia da primavera é a inspiração para a renovação e a criatividade, transformada, pela crença cristã, na ressurreição da morte para a vida — a semente enterrada no chão começa agora a voltar para o mundo. Na minha família, a Páscoa servia à mesma finalidade de Ostara, com a brincadeira anual do coelho da páscoa e a celebração da renovação com flores frescas da primavera, particularmente tulipas, açafrões, lilases e jacintos (nunca usamos lírios).

Beltane [*Beel-teen ou Bell-tayn*] (1º de maio) é quando a Deusa e o Deus se unem, celebrando-se a fertilidade e a cura. O 1º de maio é celebrado

com flores e ofertas de flores (presentes anônimos de pequenos buquês e cestos de flores, galhos floridos nas fendas e aberturas em varandas, paredes e cercas).

Litha [*Lee-thah*] (21 de junho) é o solstício do verão, ainda que referido como o “Meio do Verão”. É o auge da fertilidade, quando se celebra o amor, a saúde, a purificação e a dedicação. Na minha infância, este era simplesmente o Verão.

Lughnassadh [*Loo-nahs-ah*] (1º de agosto), quando o Deus fecunda a Deusa, é a Festa do Pão e a hora da transformação. Este é outro Sabá que não celebrávamos quando eu era menina.

Mabon [*Mary-bone* ou *Mah-boon*] (21 de setembro) é o equinócio do outono, momento em que o Deus se prepara para deixar a Deusa ir para o seu repouso. Hoje é celebrado como a Festa da Colheita do Dia de Ação de Graças, transferido para novembro pelo Presidente Lincoln, no século XIX, apesar de ser comemorado em setembro pelos imigrantes ingleses. Embora o outono se caracterizasse por ser uma época para a compra de roupas novas e quentes, na minha família, a Festa da Colheita passou para o dia de Ação de Graças. Não tolerávamos as preces solenes, mas celebrávamos a abundância da terra com a mesa cheia e vinho para todos.

Samhain [*Sow-een*, ou o americano *sam-hain*] (31 de outubro) é o momento da partida do Deus, e a Deusa lamenta, sabendo, porém, que ele renascerá em Yule. É a hora da celebração dos mistérios da morte e do contato com os espíritos. A Igreja Católica adotou essa celebração como a missa da véspera do Dia de Todos os Santos e chamou a manhã subsequente de Dia de Finados. Embora algumas igrejas protestantes considerem a véspera do Dia de Todos os Santos (ou *Halloween*, Dia das bruxas) uma data satânica, este é um preconceito direcionado tanto ao catolicismo quanto a qualquer coisa oculta, seja Wicca, ou mesmo satânica; porém, para os católicos, é também um dia santo. A deidade cristã do mal não faz parte do pantheon da bruxa. Pelo contrário, luz e sombra são vistas como um equilíbrio de energias positivas e negativas — cada *yin* tem seu *yang*.

As imagens dos Sabás são mais significativas quando nos lembramos que em alguns Sabás a Deusa é a Terra e o Deus é o Sol, enquanto em outros ambos representam os ciclos do espírito: vida, morte, repouso e renascimento. No entanto, com ou sem as imagens, a Senhora e o Senhor podem ser invocados com êxito e responderão aos que os procuram. Os nomes dos Sabás aqui apresentados são os tipicamente encontrados nas tradições da Wicca, mas pertencem a uma herança céltica genérica. Mabon e Litha são considerados recém-chegados às celebrações das bruxas, se não na prática, pelo menos nos nomes, segundo Marion Green. Hoje, celebro os oito Sabás e seus nomes típicos, mas, na minha infância, eram simplesmente inverno e Natal, primavera/Páscoa, 1º de maio, verão, Festa da Colheita/Dia de Ação de Graças e véspera do Dia de Todos os Santos (*Halloween*).

Questões Modernas na Celebração dos Sabás

A bruxa moderna precisa conciliar a apresentação mítica de deidades brincalholas com as realidades dos ciclos da Terra. As pessoas sabem hoje que as estações irão mudar e, celebrando ou não um Sabá, a ordem da natureza se procederá; portanto, cabe ao indivíduo decidir qual a relevância dos Sabás para o mundo moderno. Da mesma forma que sei de famílias que deixaram de celebrar o Natal depois que os filhos cresceram e saíram de casa, e de outras que se divertem incorporando o espírito da festa, ano após ano, também há bruxas que nem sempre estão dispostas a celebrar um Sabá. As sensações intuitivas, a personalidade e a visão de mundo representam uma parte importante na maneira de uma pessoa saudar a virada da roda.

No caso de minha família imediata, os Sabás Verdes (Yule, Ostara, Litha e Mabon) são celebrados como um tempo de união com o fluxo e o refluxo da energia do Sol, manifestada durante os solstícios e os equinócios. É uma época para recarregar as baterias individuais, exatamente como faz a Terra ao se movimentar pelos ciclos de plantio e colheita. Os outros quatro Sabás, os Sabás Brancos, são momentos para proceder a um realinhamento interno e sentir-se uno com a Terra e com o próprio ciclo da vida.

Portanto, Imbolc é o momento da autolimpeza e purificação de nosso ambiente em preparação para a primavera. É quando trabalhamos para restaurar nosso equilíbrio, rededicando-nos à nossa Arte e fazendo uma limpeza de nossa casa interior, libertando-nos de sentimentos, hábitos e conceitos improdutivos e indesejáveis. É um período para reavaliação e redirecionamento. É o repouso do espírito entre os vivos. Como a minha prática evoluiu de influências cristãs, considero Imbolc muito significativo como um momento para reafirmar o meu caminho.

Beltane desperta um senso de completa renovação e alegria pelo brotar de uma nova vida, quando a Terra está no auge de seu período primaveril — sempre trago flores silvestres frescas para casa (minhas favoritas são as margaridas). É um bom momento para avaliar a saúde física e emocional. Essa é a união do espírito e do corpo.

Lughnassadh é a terceira colheita de grãos, o Festival do Pão e um período de bem-estar festejado em agradecimento à abundância da Terra. É também uma boa época para renovar o compromisso de proteger seus recursos. É o espírito vivo no corpo e desfrutando a vida na Terra. Nesse Sabá, agrada-nos muito colher amoras silvestres e fazer tortas de amoras pretas; consumimos múltiplos grãos frescos e bebemos vinho de amora. Esse dia especial faz parte agora da minha roda do ano, completando o meu calendário; porém, meus pais nunca deram grande importância ao mês de agosto,

a não ser pelo meu nascimento. Embora existam feriados católicos cobrindo todas as datas das antigas celebrações pagãs, como é o caso de Lammas, ou Festa da Colheita, em 1º de agosto, data que evoca a prisão e miraculosa fuga de São Pedro, e o dia da Assunção, em 15 de agosto, em honra da ascensão da Virgem Maria aos céus, minha mãe e minha avó nada faziam em observação a estas datas.

Samhain é quando seu espírito faz contato com as almas desencarnadas (agrada-me considerar a noção de Cerridwen como a Grande Semeadora, interpretada erroneamente pela moderna palavra “alma”⁴, pois, quando se trata de visualizações, há uma imensa diferença entre semeadora e alma), reconhecendo, instintivamente, que somos todos da mesma essência e fazemos a mesma passagem pela vida, morte, repouso e renascimento. Não existe o temor da morte, mas, em seu lugar, dá-se uma amorosa união, e é por isso que a Deusa e o Deus são considerados os soberanos da Terra das Sombras ou Terra do Verão. Em Samhain, saudamos os espíritos que passaram para o reino sombrio. Enterramos maçãs e romãs no jardim para alimentar os espíritos em sua jornada a caminho do repouso e, às vezes, oferecemos a Sopa dos Mudos, feita de pão, sal, maçãs e sidra, aos nossos amigos e parentes que partiram, cujos espíritos são convidados a vir da Terra do Verão para nos fazer uma visita. Abóboras esculpidas e com velas em seu interior iluminam seu caminho até as nossas casas. É a morte do corpo e a passagem do espírito desta vida para a Terra do Verão, para repouso e renovação. Em certos anos, essa festa chega a ser tão emocionante quanto a estação de Yule, e não nos sobra tempo para todas as observâncias, mas desfrutamo-las ao máximo possível.

As Diferentes Maneiras de Celebrar os Sabás

Em todas as religiões, o reconhecimento dos eventos Verdes é bem conhecido e serve como ponto focal em suas litanias específicas. Seja qual for o nome e a mitologia, os solstícios e equinócios são celebrados no mundo todo. A única dificuldade nesse fato é que algumas religiões passaram a exigir com rigor que sua litania seja a única “verdadeira”. A Bruxaria Verde, entretanto, envolve muito mais que a soma de sua mitologia de Sabás — é um modo de vida que pode existir perfeitamente bem sem a celebração formal de um único Sabá, sendo talvez essa a razão para alguns covens limitar-se aos quatro Sabás Maiores.

4. N. da T. — A autora faz alusão a dois termos ingleses: *sow*, semeadora, e *soul*, alma.

As celebrações comuns compreendem Yule, como Natal ou o Festival das Luzes (Hanukkah); Ostara, como Páscoa ou Páscoa dos Judeus; Litha, como a época dos casamentos e a noiva de junho; e Mabon, como a Festa da Colheita, Festival de Outono e Dia de Ação de Graças. Os outros quatro Sabás estão ainda incorporados aos calendários cristão e secular, também com outros nomes. Imbolc tornou-se o Dia da Marmota, quando procuramos os sinais da primavera, ou mais seis semanas de inverno. Beltane é o Dia 1º de Maio, saudado com os cestos de maio ou, simplesmente, com o desejo de encher a casa com as primeiras flores da primavera, ou começar a plantação no jardim. O Dia das Mães é uma forma de celebrar o aspecto de maternidade da Deusa nas mulheres, sendo um festival de maio que serve também à expressão de Beltane. Lughnassadh é o 1º de agosto no calendário cristão, um período de piqueniques de verão com alimentos abundantes, pães frescos, tortas e bolos. Na zona rural, a comunidade dos fazendeiros ainda realiza o Festival do Pão sem essa denominação, celebrando-o após a colheita. Esse é o momento das feiras e rodeios. Samhain continua sendo a véspera do Dia de Todos os Santos (*Halloween*), um ponto sensível para muitos cristãos fundamentalistas que se recusam a celebrar uma data em honra à morte, e assim vêm tentando banir o feriado. Não obstante, a Igreja Católica tem missas especiais para os mortos na véspera do Dia de Todos os Santos e no Dia de Finados, e muitas pessoas, inspiradas por esta época do ano, gostam da atmosfera de mistério e proximidade com o Submundo e o Outro Mundo.

Uma Jornada Pessoal

Com base em minha própria experiência na infância, os Sabás não eram celebrados como rituais referentes aos eventos da história da vida do Divino. Pelo contrário, eles eram centrados na terra, constituindo um sentimento especial por aquela época do ano e pelas sensações da terra, conforme nos movíamos pelo ciclo anual. Eu dançava ao redor do mastro enfeitado com fitas, como uma atividade escolar, devorava tortas de amoras pretas de Lughnassadh, por ser simplesmente a estação das amoras silvestres, e saía com um balde para colher essas frutinhas. Até meus filhos tiveram o indescritível prazer de colhê-las dessa forma entre os pés emaranhados de amoras silvestres, competindo com os pássaros pelas mais carnudas, e desviando-se das aranhas com suas teias estendidas pelos ramos espalhados para capturar os insetos incautos — tudo pela recompensa de amoras cheias de sementes e do tamanho do polegar, enchendo potes e panelas para depois fazer as tortas. Sem um ritual formal, sem capas e instrumentos, os Sabás eram reverenciados com a sua vivência. Ao experienciar os Sabás, invocamos os elementais e unimo-nos à terra e à Senhora e ao Senhor.

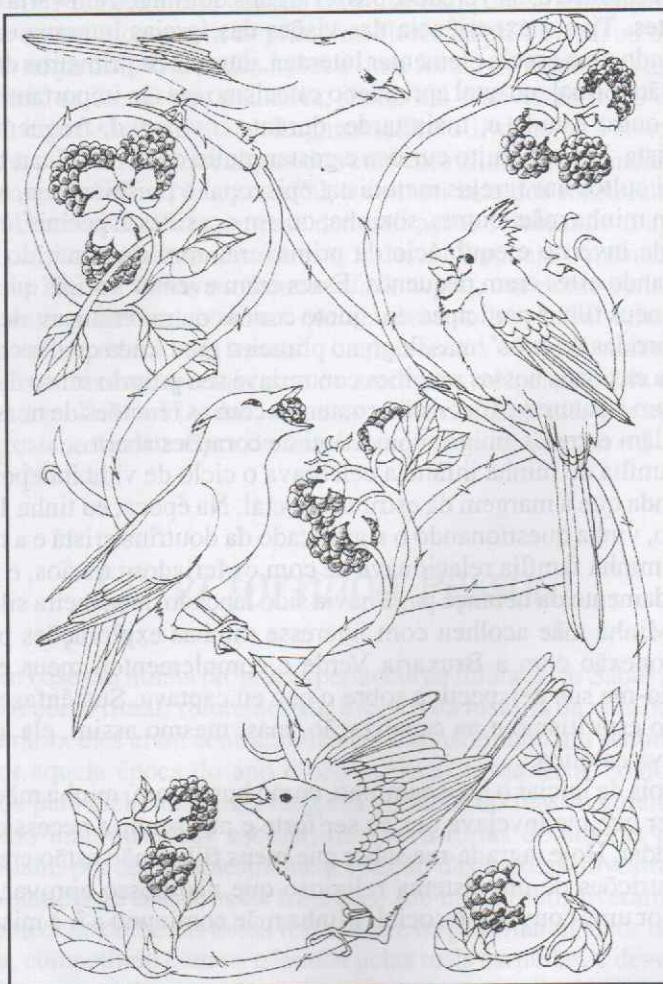
Isso dá uma indicação de como as pessoas em dúvida sobre abandonar sua educação cristã têm ainda opção de se voltarem para suas raízes pagãs, expandindo sua perspectiva cristã para abranger as práticas pré-cristãs de nível Verde. Como os feriados são virtualmente os mesmos, talvez, com o tempo, possam afastar-se de uma expressão mais recente, aproximando-se mais da primitiva. Minha mãe e minha avó não eram "devotas", e eu não fui educada na estrita espiritualidade cristã. Raramente freqüentava a missa católica e, na verdade, passei alguns domingos em várias igrejas protestantes. Tive a experiência das visões das igrejas luterana e batista, freqüentando uma escola elementar luterana, durante os primeiros dois anos de educação formal, no qual aprender o catecismo era tão importante quanto qualquer outro estudo e, mais tarde, durante o colegial, freqüentei uma igreja batista. Por ser muito curiosa e gostar muito de diversificar, também freqüentei cultos nas igrejas metodista, episcopal e presbiteriana, algumas vezes com minha mãe, outras, sozinha, ou em ocasiões especiais, como no solstício de inverno e equinócio da primavera, com meu marido e meus filhos, quando estes eram pequenos. Esses eram eventos sociais que permitiam que meus filhos participassem, junto com as outras crianças, de festividades e corridas de ovos*, mas, logo no primeiro grau, cada qual reconheceu que a idéia ensinada nessas reuniões contrariava seu próprio senso de valor e vínculo com a natureza. Eles estão contentes com as reuniões de nossa família e circulam entre os amigos com mentes e corações abertos.

A família de minha infância celebrava o ciclo de vida independentemente, ainda que à margem da estrutura social. Na época, eu tinha 15 anos; no entanto, vinha questionando o significado da doutrina cristã e a maneira pela qual minha família relacionava-se com os feriados cristãos, e percebi que o fundamento da herança pagã havia sido lançado de maneira silenciosa e firme. Minha mãe acolheu com interesse minhas explorações pessoais sobre a conexão com a Bruxaria Verde e complementou meus estudos, oferecendo-me sua perspectiva sobre o que eu captava. Sua ênfase focalizava-se no espiritismo e na canalização, mas, mesmo assim, ela ainda se considerava católica.

Depois de iniciar o meu caminho, como buscadora, minha mãe costumava dizer que me invejava por eu ser forte e não sentir a necessidade de me acomodar. Hoje, agrada-me saber que meus filhos não estão crescendo sob as restrições de um sistema religioso que não posso aprovar, mas é imposto por uma convenção social. Minha mãe continuou a ir à missa até o

* N. do. E.: Essas corridas são conhecidas como *eggs hunts*, evento organizado pela família ou comunidade no dia da Páscoa. As crianças são divididas em grupos por idade e, após o sinal de início, a caçada a ovos inicia. Esses ovos são bem cozidos e decorados, sendo tidos como prêmio pela participação no evento. Atualmente, porém, utilizam ovos de plástico, dentro dos quais são colocados doces ou moeda. Também são decorados.

fim da vida; entretanto, o livro sob o estrado de sua cama, cuja leitura fazia regularmente à noite, não era a Bíblia, mas, sim, uma obra de espiritismo revelada por um mestre espírita no Brasil. Nem ela nem minha avó tinham condições de dizer muito sobre a Bíblia, ou mesmo sobre os sacramentos cristãos — este parecia sempre um território estranho para elas —, mas podiam falar por muito tempo sobre espiritismo, reencarnação, poderes e contatar os Outros para auxílio.



Até meus filhos tiveram o indescritível prazer de colhê-las desta forma entre os pés emaranhados de amoras silvestres, competindo com os pássaros pelas mais carnudas... tudo pela recompensa de amoras cheias de sementes e do tamanho do polegar...

Eu costumava achar engraçado que, por ter convivido com vários padrões religiosos, ao longo dos anos, minha mãe dependesse de mim para obter informações sobre a Bíblia, mesmo quando eu era criança. Lembro-me de seu sorriso divertido quando eu recitava para ela o catecismo luterano ou lhe falava sobre as histórias bíblicas que havia aprendido. Ela era muito tolerante até mesmo ao fervor religioso dos meus amigos batistas, e nunca demonstrou não estar de acordo. Era sempre agradável e afável com pessoas que adotavam outras posições religiosas ou políticas, de modo que um visitante “igrejeiro” tinha sempre a impressão de que a havia convertido para o seu ponto de vista particular. Mas ela nunca se deixou influenciar por qualquer tipo de fundamentalismo ou visão rígida, e permaneceu afastada de igrejas e dogmas durante toda a vida.

Nessa época, após empreender minha própria jornada espiritual, eu celebrava os oito Sabás pelo prazer que sentia e pela sensação de proximidade com a Senhora e o Senhor. Os rituais eram confortadores e, com os anos, acumulei muitos objetos então utilizados. Embora conservasse uma caixa mágica para muitos dos meus suprimentos, coloquei também alguns instrumentos rituais bem visíveis ao redor da casa. Toda a minha área viva faz parte do meu círculo de magia e infunde a casa e minha família com calor e familiaridade.

O principal passo para romper o domínio exercido sobre mim pela religião convencional foi representado pelo estudo da história. Foi uma etapa importante, pois desejava saber qual era a relação entre a fé cristã, às margens da qual minha família vivia, e as práticas pagãs que realizava, às vezes junto com minha mãe, numa atmosfera de reclusão. Quando comecei a ver imagens nas cartas, predizer o futuro e participar de trabalhos mágicos, eu precisava ser cautelosa com os que tinham conhecimento das minhas atividades. Mesmo assim, em algumas ocasiões, as colegas estudantes e amigas consideraram minhas visões e atividades, incentivadas por minha mãe, como algo não muito aceitável. Com o passar do tempo, isso passou a ser mais uma questão de associar-me a pessoas de mesma opinião do que estar à beira da heresia e danação. Um dos benefícios de envelhecer é nos livrarmos cada vez mais de nossos próprios amigos.

Quando um historiador descobre a verdade sobre os primórdios das crenças e procedências dos mitos modernos, é basicamente impossível continuar a ser “crente”, em qualquer sentido da palavra. Muitas pessoas famosas, de Arnold Toynbee a Joseph Campbell, começaram a buscar o conhecimento e a compreensão e simplesmente se surpreenderam com os resultados. Eu não deveria ter ficado tão surpresa, quando o mesmo aconteceu comigo. Para alguns, a resposta foi uma leve contestação das crenças judaico-cristãs ou um caso declarado de abandono da “fé” por ser obsoleta e uma imposição da ignorância. Para mim, talvez, pela perspectiva adicional de que os ensinamentos religiosos eram aplicados às mulheres como se

fossem seres humanos de segunda categoria, o resultado foi a raiva. Fiquei furiosa ao descobrir que há 2 mil anos tem-se mentido para as pessoas, e também porque os outros me consideravam estranha por ter o conhecimento Verde. Fiquei exasperada ao saber que as personagens fictícias da Bíblia não apenas tinham sido extraídas de fontes não-judaicas anteriores, mas também apareciam em livros de história, participando dos eventos como personagens da vida real. Mas a ira não é saudável, e a fúria só leva a dores de cabeça; assim, escrevo na expectativa de atingir pelo menos algumas pessoas.

Como professora, é uma questão delicada apresentar história para adolescentes não-familiarizados com qualquer coisa externa à retórica conhecida da igreja. Tento dar um curso equilibrado, sem julgamentos, no qual são apresentadas todas as visões para que os estudantes pensem a respeito e avaliem por si mesmos, mas é impossível ensinar história sem referência às religiões e aos conflitos inspirados por práticas contraditórias. Há alguns casos em que a religiosidade rigorosa é a única perspectiva aceita pelo adolescente, mas, de vez em quando, os estudantes fazem uma pausa para as perguntas. Muitas vezes, bastam algumas informações básicas de história para que uma criança pare e preste atenção.

Alguns estudantes, normalmente silenciosos e retraídos — excluídos pelo resto da classe —, animam-se e confidenciam-me, depois, que haviam sido considerados “diferentes” pelos colegas pelo fato de questionarem a realidade das visões religiosas aceitas e que é gratificante descobrir uma professora que confirme o que haviam descoberto. Outros estudantes ficam felizes por lhes ser apresentado um cenário equilibrado e dizem que seus pais os educaram para serem pensadores independentes, e que é estimulante ter uma professora que não expõe as crenças religiosas convencionais. Tenho a impressão de que os adolescentes de hoje estão muito mais interessados na verdade e na validade dos princípios religiosos, o que é algumas vezes mal-interpretado pelos adultos como um desafio e falta de moral. Pelo contrário, eles estão fazendo perguntas que seus pais talvez receiem responder e estão em busca de seu próprio significado para a vida.

Raízes Pagãs

Minha pesquisa sobre as raízes das religiões principais e pagãs levou-me de volta ao Vale do Indo dos dravídicos e a ligar esse povo aos celtas de minha herança materna. Assim, deixei-me levar até o meu pantheon pessoal de deidades mistas que avançaram, pelas hidrovias, da Índia para o Mediterrâneo até a costa Atlântica da Ibéria e das Ilhas Britânicas, e também por terra, pela Europa Oriental até a expansão ocidental. Minha

herança paterna é inglesa, e um pouco alemã, porém, esses dois aspectos nunca foram enfatizados em minha vida. Pelo contrário, senti-me atraída para Shiva e Uma Parvati, Hécate e Réa, Hades e Herne e Cerridwyn e Cernunos.

Quando penso em Deus, o Senhor, imagino Shiva em uma das muitas formas — o dançarino cósmico, o professor e o ser paternal amoroso. Quando penso na Deusa, a Senhora, imagino Hécate — não a anciã, mas sim a energia da anciã expressa como a Deusa da sabedoria, da magia, da Lua, bela e amorosamente maternal — a Deusa das bruxas. Afirma-se que ela se originou na Trácia, como é também o caso de Dionísio, que outros historiadores (como Danielou) já ligaram a Shiva. Suas origens também remontam ao povo do Indo, estabelecido na Trácia há vários milhares de anos. Como Uma Parvati é a Deusa Mãe-Terra, considero sua imagem a contraparte da de Shiva. Gosto também da imagem de Réa, em seu aspecto de Deusa Serpente, por serem as serpentes os símbolos de sabedoria e renascimento. As mitologias, no entanto, não contam muito em minha prática. O aspecto narrativo da tradição pagã é algo experimentado nas atividades diárias e na mudança das estações.

As deidades do Egito e da Grécia Olímpica não cativaram meu coração, talvez por perceber a exagerada exploração de seus temas por Hollywood e pela ficção popular. A única deidade egípcia da qual sinto a proximidade é a imagem mais antiga do panteão, Bastet (a última divisão desta Deusa em Hator, e depois em Ísis, alterou-se na visão moderna, fazendo dela mais uma deusa de gatos, alegria e belas-artes que a dona de poder e criatividade de Hator e Ísis). Como poderia Shiva estar presente na minha linha materna é um mistério para mim, pois não tive conhecimento da ligação de minha mãe com essa deidade senão pouco antes de sua morte. De alguma maneira, eu já havia chegado independentemente à imagem do Deus que minha mãe mantivera em segredo por, pelo menos, sessenta anos, sem jamais ter sido discutido. Desde então, determinei-me a ser muito mais comunicativa com os meus próprios filhos, embora eles sejam livres para escolher por si mesmos a identidade do Senhor e da Senhora. Minha filha sente-se atraída para Ísis e Anúbis; meu filho menor sente-se atraído para Shiva e Herne, e a Deusa é ainda inominada (mas tenho certeza de que a imagem da Senhora virá até ele à medida que amadurecer).

O Altar do Sabá

Meus instrumentos sobre um altar de Sabá são distribuídos como segue:

ÁREA DA DEUSA	ÁREA DE AMBOS	ÁREA DO DEUS
estátua de Parvati	castiçal com três bocais	estátua de Shiva
recipiente para água	estátua de Ardhhanari	recipiente para o sal
cálice de vinho	apagador de velas	incenso
bastão, ou varinha mágica (e óleos)	incensário	athame
sino	pentáculo	
	caldeirão (e fósforos)	
	livro/bolos	boline ⁵

Lembre-se que essas deidades são pré-hindus, originárias da região do Rio Indo, conhecida como Sind, de onde pesquisei a palavra *sin* (pecado, em inglês) com referência a “não-judaico”. Em meu livro, *Dancing Shadows*, discuto a relevância dessas deidades para as religiões modernas, para o Paganismo em geral e, em particular, para a Bruxaria. Aqui é apresentado apenas o necessário para informar que Parvati é a Deusa Mãe; Ardhhanari é uma figura androgina do Divino em unidade, meio-feminina e meio-masculina, e Shiva é o Grande Deus, o dançarino cósmico da vida, da morte e também do renascimento. A escolha das deidades depende sempre da bruxa.

O círculo, em cujo centro é montado o altar, é demarcado em quadrantes com uma vela verde no norte, para o elemento terra, uma vela amarela no leste, para o elemento ar, uma vela vermelha no sul, para o elemento fogo, e uma vela azul no oeste, para o elemento água. Tenho utensílios especiais de barro, utilizados para colocar essas velas, cada qual com a decoração de um emblema relacionado ao elemento: um quadrado para a terra, asas para o ar, uma Cruz Solar para o fogo e uma Espiral Lunar para a água.

As decorações do altar variam, conforme o Sabá, mas não se faz magia durante esses festivais. Normalmente, reservam-se os trabalhos mágicos e a adivinhação aos Esbás, as celebrações das luas nova e cheia, embora as adivinhações em Samhain também sejam uma tradição. No nível Verde, o altar fica de frente para o norte e o círculo é lançado da direita para a esquerda (*deosil*),⁶ do norte para o leste, seguindo para o sul, para o oeste e voltando para o norte. Em muitas tradições da Wicca,

5. N. da T. — faca de cabo branco, instrumento mágico usado para colher ervas.

6. N. da T. Deosil é o movimento rotatório alinhado com os movimentos do Sol e da Lua.

o altar é voltado para o leste em referência ao sol nascente, mas, sinto-me atraída pelo norte pela polaridade de norte e de sul e referência às fadas. O norte é o reino da Madona Negra⁷, da Rainha da Neve e da Deusa no aspecto de anciã. É ali que se encontra a sabedoria e, em todos os sistemas pagãos, a Deusa é identificada com a sabedoria, seja com serpentes ou com a árvore da vida e do conhecimento.

Os componentes do ritual do Sabá começam com um banho de purificação perfumado com ervas, como verbena, alecrim, tomilho, lavanda, manjericão e funcho. Em seguida, o espaço em que será lançado o círculo é purificado e varrido com a vassoura (*besom*) da bruxa. O espaço sagrado pode ser demarcado com um cordão, mas, normalmente, eu faço isso por meio de visualização, auxiliada por velas colocadas no chão, nos quadrantes. Reservo bastante espaço para movimentar-me sem tocar nas velas e não utilizo medidas em pés ou jardas. Também são utilizadas pedras, ou objetos naturais, como símbolo dos elementais.

Os instrumentos a serem usados são depositados sobre o altar, acendendo-se o incenso e as velas. No lançamento do círculo, os quadrantes são iluminados e cada vela é acesa com a vela central das três do altar; o limite é demarcado com o athame ou com a mão do poder, sendo então purificado, selado com água salgada e incensado, levando-se o incensário ao seu redor. Em seguida, faz-se uma invocação aos elementais, e então são dadas as boas-vindas ao Senhor e à Senhora ao templo. As observâncias do Sabá vêm depois (as respectivas de cada Sabá), quando a energia é elevada e o poder residual é ligado à terra. São feitos os agradecimentos ao Deus e à Deusa, e os elementais são abençoados e liberados, quando então o círculo é aberto com o athame ou com a mão do poder. O termo "liberado" deve ser considerado no sentido de se estar de mãos dadas com um amigo e então soltam-se as mãos. Não é o mesmo que convocar e depois expulsar um elemental — é chamar um amigo, ficar de mãos dadas com ele por algum tempo e depois se despedir dele.

Celebrações do Esbá

Para a celebração do Esbá (observâncias da Lua), os componentes são basicamente os mesmos, porém, com variações, dependendo da Lua e do tipo de feitiço, divinação, consagrações de instrumentos ou encantamento realizados. Se for Lua nova ou cheia, no dia do Sabá, as duas observâncias podem ser combinadas, se não estiver sendo feito um trabalho mágico, ou então uma após a outra. Embora cada qual possa ser a primeira,

⁷ N. da T. — Black Annis, ou Mãe-Terra céltica.

eu prefiro que seja o Esbá. Mas não é necessário deixar o trabalho mágico para o Esbá. Na verdade, seria preferível realizá-lo conforme a necessidade e, em função disso, é possível fazer qualquer correspondência entre os dias e horários para ajudar o encantamento. Raramente considero dias e horas para fazer um trabalho mágico, mas apenas a necessidade. Não seria muito útil desistir de fazer algo simplesmente por causa do dia e da hora. Nos escritos de Scott Cunningham, ele diz que um trabalho pode ser feito a qualquer dia e hora; se um horário não for propício para um feitiço de crescimento, faz-se então um de banimento. De minha parte, a determinação principal é a fase da Lua — quarto crescente para crescimento, quarto minguante para banimento, Lua cheia para realizações, Lua nova para encerramentos e novos começos.

Rituais Alternativos

Não é necessário sempre realizar um ritual estilizado, com um altar, instrumentos dispostos, estátuas e recipientes com seus conteúdos. Há outra maneira de celebrar os Sabás que é simplesmente utilizar a estaca bifurcada como altar. A estaca é fincada no chão, demarcando-se um círculo ao seu redor, e decorada com uma guirlanda de flores naturais, ou folhagens, relativas à estação. Com uma vela em sua base e um cálice para o vinho, está tudo pronto. É fácil levar o material num cinto com bolsas para ervas, sais e bolos, um frasco de vinho numa alça de couro e, em outra, um cálice de madeira pendurado. Este material pode ser suspenso nas forquilhas da estaca, se você não quiser usar cintos com bolsas. A guirlanda, colocada em um ramo de árvore ou no chão, serve como alimento para animais, pois é composta de sementes e bagas.

Descobri que há momentos em que me sinto disposta a elaborar um ritual; em outros, desejo fazer coisas relativamente simples, e há ocasiões, ainda, em que omito completamente a questão. A conversação entre o praticante da Arte e as Deidades é contínua e os rituais nos beneficiam, e não a elas — as deidades não precisam, nem os exigem. Esses ritos servem como ponto de enfoque para elevar a energia e recarregar nossas baterias psíquicas. Para os adoradores de Shiva, na Índia, o ideal é chegar ao reconhecimento de que os rituais e cerimônias são totalmente desnecessários, e é assim que me sinto algumas vezes. Basta estar ao ar livre, na praia, ou num quintal, durante um Sabá, para me pôr em comunicação com a Senhora e o Senhor.

O Significado dos Nomes

Para quem se inicia numa nova visão de unidade com os ciclos da terra, as estrelas e as energias do Universo, a perspectiva total de fazer algo diferente — por exemplo, escolher um nome de Arte — pode parecer estranha ou despertar sentimentos de incerteza. Não há nada de errado ou incomum nisso. Durante séculos, as igrejas cristãs torturaram e assassinaram pessoas suspeitas de serem bruxas, saturaram a sociedade com uma doutrina de danação e fogo do inferno por qualquer atitude discordante, ameaçando com a separação social e eterna a quem ousasse desafiar o padrinho. Assim, voltar as costas ao terror acumulado com o tempo em suas mentes é uma decisão muito importante para as pessoas.

Durante muitos anos pratiquei com um nome de Arte diferente. Quando percebia que um nome estava ficando comprometido, criava simplesmente um novo e realizava um novo rito de iniciação. O nome de Arte é aquele pelo qual você se apresenta aos Anciões na primeira vez que se inicia na prática, e isso ocorre numa cerimônia de auto-iniciação. O termo iniciação (especialmente a auto-iniciação) é uma das expressões cuja conotação pode ser tradicional ou ceremonial. Embora alguns pagãos não empreguem a expressão “auto-iniciação”, a não ser num ambiente de *coven*, ela é usada por Scott Cunningham, D. J. Conway, Marion Green e outros notáveis escritores da Arte. Existe uma clara diferença entre iniciação e dedicação. São termos que assumem significados diversos, dependendo do enfoque de quem os emprega. No Capítulo 5 de seu livro, *Living Wicca*, o Sr. Cunningham defende o uso dessa expressão e, para ser honesta, nunca pensei que fosse necessário discutir uma questão tão simples. No entanto, ele fez um excelente trabalho e, em caso de uma crítica ao uso desses termos, peço que consultem o trabalho desse autor.

Para a realização desse rito, a preparação é a mesma do Sabá, com exceção da parte da observância, realizando-se a iniciação em seu lugar. É melhor planejar as palavras e os gestos com antecedência para manter o enfoque em todas as facetas da iniciação. No Capítulo 7, há um exemplo de ritual aplicável não apenas ao nível Verde básico, mas a quase qualquer outra conduta wiccan. O nome escolhido só deverá ser revelado a pessoas de sua confiança, porém, a maioria (particularmente o solitário) o mantém em segredo. O problema em permitir que os outros tenham conhecimento de seu nome é que, algumas vezes, as situações mudam, e então você pode se sentir obrigado a criar um novo nome para evitar que a negatividade associada seja introduzida no seu círculo.

O uso de um nome de Arte é bastante comum na Bruxaria, existindo atualmente dois tipos de nomes empregados (as obras sobre o elemento Verde raramente são esclarecedoras): o nome de Arte, escolhido pelo pra-

ticante, e o nome de trabalho, concedido à bruxa pela Senhora e pelo Senhor. Pode também haver um terceiro, um nome de *coven*, caso a bruxa deseje unir-se a um grupo. Amber K., em *True Magick*, aborda o fato de se ter vários nomes para servir aos diferentes momentos. Eu tenho um nome de Arte, um nome de trabalho e um nome de *coven* (ainda que o *coven* atue por correspondência e seja eclético), e não acho desejável usar o nome de uma deidade, mas essa é uma questão de preferência pessoal.

O nome de Arte, geralmente, é significativo apenas para a pessoa que o cria. Pode ser uma flor, uma árvore, uma pedra preciosa, uma rocha ou qualquer coisa da natureza, ou um ser mais simbólico. Marion Green não aprova o uso de nomes de deidades (como Rhiannon, Cerridwyn, Ísis, Herne, Hórus, etc.) como nomes de Arte. No meu caso, Aoumiel foi criado para expressar meus sentimentos referentes à unidade com a Deusa e o Deus, pois vejo as deidades como equivalentes e em equilíbrio mútuo (Aum [Om] e Uma são o “Deus” unificado [El]). Mesmo quando os amigos pronunciam o meu nome, “Aou-mi-el”, sinto que a essência permanece, pois Ao é um nome antigo do Deus, Uma (ou *Oma*) é um nome antigo da Deusa e El é o termo para o Ser Divino. Pode-se utilizar mais de um nome de Arte.

O outro tipo de nome no nível Verde é o chamado nome de trabalho. Muitas vezes, o nome de Arte é para uso numa associação de pessoas interessadas na Antiga Religião, mas o nome de trabalho é uma dádiva especial recebida depois de se usar por algum tempo o nome de Arte. Até o momento da dedicação, o nome de Arte pode ser duplo, ou seja, é também usado como nome de trabalho, mas, depois da dedicação, a bruxa recebe um novo nome que é sempre mantido em segredo (até a concessão do nome de trabalho pela Senhora e pelo Senhor, o nome de Arte servirá às funções mágicas). Esse nome de trabalho é literalmente concedido pela Senhora e pelo Senhor e funciona como um vínculo pessoal mútuo. Assim, o nome de Arte reserva-se a um uso mais público. O significado implícito ao nome de trabalho é que o Senhor e a Senhora estão lhe dizendo quem você é. Por isso, é mantido em segredo — o nome define-a.

Li que o nome de Arte e o estudo vêm primeiro e, depois, a iniciação, que habilita o indivíduo a ser um membro da Wicca ou tradição de *coven*, mas eu vejo a iniciação como o começo e não o produto final de um estudo. Esse é o estágio de aprendizagem dos princípios básicos da Arte, e não é o mesmo que assumir, com a Senhora e o Senhor, um compromisso fundamentado na aprendizagem. A dedicação é uma decisão consciente de fazer algo significativo com o conhecimento adquirido após a iniciação. Sei que há outras pessoas que partilham este ponto de vista, assim como há outras bruxas que dizem ter de fato um nome de Arte, mas também um nome de trabalho que ninguém mais sabe. O nome de Arte é usado numa iniciação, mas o nome de trabalho é proveniente da dedicação.

O Ritual de Dedicação

A cerimônia de dedicação pode também ser realizada logo no início do ano e um dia depois da iniciação, ou muitos anos depois. Trabalhei com dois nomes de Arte diferentes em sucessão por mais de vinte anos, antes de tomar a decisão final, por assim dizer, da dedicação. Depois, eu me admirei por ter esperado tanto tempo — a prática da Bruxaria sem dúvida intensificou-se por meio da dedicação. O momento oportuno é variável, dependendo do praticante, pois somente o indivíduo sabe quando está pronto para esse compromisso. Você passa algum tempo aprendendo, praticando e formulando seus rituais de Sabá e Esbá, e então, familiariza-se com a magia, as deidades e os elementais. Ao decidir o momento da dedicação, este será um ritual solitário, por ser uma experiência muito pessoal.

Ninguém mais está apto a conceder-lhe uma iniciação ou um grau que o ponha em contato com os Anciões, e é na autodedicação que estará face a face com a Senhora e o Senhor da Antiga Religião. Sem um desejo sincero de servi-los, não se procederá a essa etapa. Nesta cerimônia, o adágio wiccan do “perfeito amor e perfeita confiança” é posto em prática e não se refere a outros praticantes, mas, sim, ao seu relacionamento com a Senhora e o Senhor. Você deve confiar neles. Esse ritual não deve ser iniciado antes de se proceder a uma vigília e se considerar todas as razões e o que pretende alcançar ao fazer essa conexão. A vigília é a sua chance de questionar motivos, lidar com medos e esperanças e responder às próprias dúvidas. Você está saindo da condição de alguém que trabalha com a magia, pela graça e com o amor da Senhora e do Senhor, para assumir um compromisso com eles. Até então, você só recebeu, e eles nada exigiram de você, e nunca exigirão. Mas, com a dedicação, você é livre para oferecer-lhes algo em troca — seu compromisso e amor incondicional. No Capítulo 7, descrevo meu próprio ritual de dedicação.

Após a dedicação, ao invocar a Senhora e o Senhor, isso deverá ser feito sempre utilizando o nome de trabalho por eles concedido. O nome de Arte passa a ser usado em suas associações com pessoas de mesma opinião e em seu trabalho público. Mas, em rituais particulares, você pode invocá-los como a “Vossa filha, a quem destes o nome de (*nome*)”.

Auxílios de Viagem

Ao fazer uma dedicação, é preciso lembrar que agora a conexão ocorre como uma conversação contínua. Suas necessidades e desejos são atendidos quase antes mesmo de você os expressar, ou mesmo perceber que os tem. A adivinhação torna-se quase uma segunda natureza, pois é assim que eles

Ihe falam. Quando surge a necessidade de lhe dizerem alguma coisa, eles lançarão mão de qualquer meio disponível. Podem ocorrer visões espontâneas em nuvens, fumaça, fogo, cartas, água, vento, cristais e assim por diante. Se ouvir seu nome de trabalho, saberá que eles estão em contato com você. E, sempre que invocá-los, eles lhe responderão. Não é necessário elaborar os rituais, mas algum tipo de meditação o ajudará a aprender a focalizar a atenção. Um simples chamado mental provocará a resposta. E o mais importante, eles serão seu Pai e Mãe amorosos. Ouça o que eles dizem.

Alguns praticantes utilizam como auxílio um animal de poder, um animal mágico, durante as viagens para o Outro Mundo. Se meditar sobre o desejo de ter esse animal e pedir, ou simplesmente pensar em ter um animal de poder, você se conectará às deidades. Quando menos esperar, eles lhe responderão. Tentei escolher um tipo de animal que me atraísse, mas não consegui chegar a uma conclusão; expulsei, então, o problema da minha mente. Alguns meses depois, tive um sonho muito rico e musical, no qual eu invocava a Deusa e pedia o animal de poder que desejava. De repente, chegou um grande número deles, e eu escolhi um, ou quem sabe um escolheu o outro, e talvez seu nome já estivesse no fundo da minha mente até eu perceber isso. O sonho era cheio de música e, na manhã seguinte, trabalhei-o num poema. Agora, invoco meu companheiro a qualquer momento para auxiliar na adivinhação e fazer comigo a viagem para o Outro Mundo. Mas nem todos têm ou querem um animal de poder — a escolha é sempre sua.

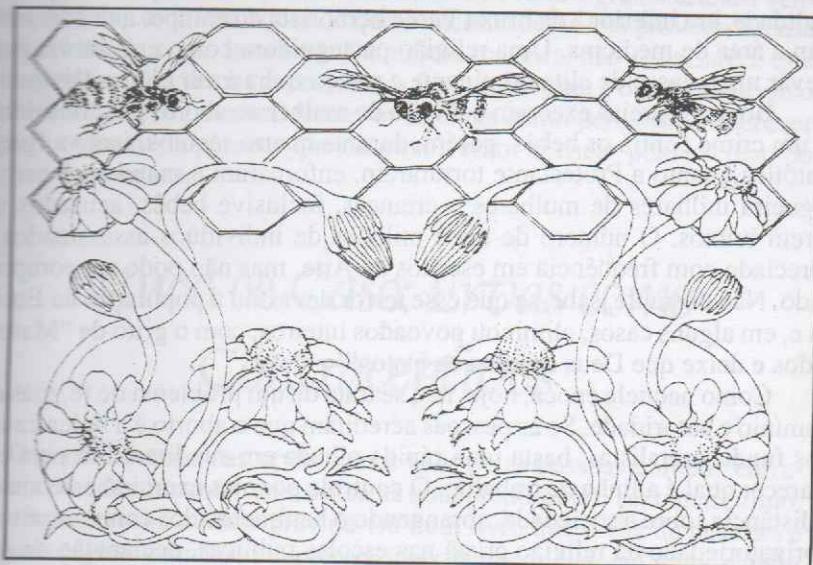
Também os elementais estão próximos e são seus parentes. Eles a ajudarão e estarão ali quando precisar. Mas, não ache, entretanto, que tudo deva ser muito sério. Eu já ouvi a gargalhada da Senhora e do Senhor, assim como fui aborrecida por elementais, e em troca também os aborreci. Quase sempre, existe respeito. No caso dos elementais, estamos lidando com forças poderosas — as forças da natureza, como ventos fortes, chuvas com trovões, relâmpagos ou fogos consumidores e a terra turbulenta e tempestuosa. Não considere esses grandes poderes como pequenas criaturas, pois esta é a forma atenuada do que eles são. Os elementais são forças, e não os agrada muito serem diminuídos. Lembre-se de com quem e com o quê está trabalhando: e por essa razão não se deve “convocar” ou “banir” os poderes elementais num círculo. Eles são invocados para guardar e testemunhar o rito e, quando termina a cerimônia, eles são abençoados e libertados em paz.

Fazendo os Agradecimentos Apropriados

Outra prática que sempre segui, com numerosas variações nas tradições wiccans, é a de não agradecer à Senhora e ao Senhor e nem aos elementais. Minha mãe costumava ficar muito aborrecida sempre que alguém usava uma expressão como: "Agradeçamos a Deus". Se requisitada a reproduzir essa fórmula em uma missa, seu tom era sempre distante, como se estivesse recebendo uma vacina, olhando para longe, com uma careta. Essa proibição de dizer a palavra "obrigada" ou "muito obrigada" não é uma falta de cortesia ou de gratidão, mas pode ser encontrada nos principais relatos antigos acerca de fadas, os principais entre eles sendo os que estão insultando ao agradecer ao Outro Povo. Esta sensibilidade é facilmente transferida para os elementais, pois, assim como ao Outro Povo, eles também são aspectos da Senhora e do Senhor que são a fonte de toda vida e de toda forma.

O raciocínio para não dizer "muito obrigado" está nos delicados matizes dos relacionamentos. Ao agradecer, você se separa (ao invés de ligar-se em unidade), transformando uma dádiva numa transação mundana. É como se os tivesse descartado. Entretanto, este é um ponto de vista que algumas (ou até muitas) pessoas não aceitam; portanto, tome intuitivamente sua própria decisão. No meu caso, transmiti à minha família a herança de minha mãe e de minha avó materna. Curiosamente, quando discuti esse assunto com meu marido e minha filha, eles me disseram que também achavam deselegante e contraproducente um agradecimento e, na realidade, talvez se trate mais de um instinto que uma fórmula.

Neste ponto, será significativo fazer uma distinção. Não quero com isso dizer que não se deva ser grato pela presença e auxílio do Divino, seja qual for a forma envolvida. Mas, sim, que repetir muitas vezes a fórmula "muito obrigada" não é o mesmo que sentir gratidão. Na gratidão existe calor interno que eles percebem emanar de você, mas um "obrigado" verbal, muitas vezes não passa de mera formalidade, verdadeira ou não. Li vários livros de Wicca, nos quais são apresentados rituais de Sabás em que são tão abundantes as palavras como "muito obrigado" que, depois de algum tempo, elas se tornam mecânicas e insensíveis. A realização desses rituais, Sabá após Sabá, pode embotar o efeito pretendido, e as palavras se tornam inexpressivas. Use essas expressões populares, caso se sinta bem com isso, mas tente sugerir alternativas que o ajudem a exprimir seus vínculos emocionais e sensações interiores. Com a eliminação do "muito obrigado", você terá de descrever a quem, ou a quem, dirige sua gratidão. O Outro Povo, na lenda, gosta de ser apreciado, mas não do agradecimento que separa



BRUXAS E ERVAS

*A*s bruxas têm uma história que as menciona como objeto de temor e perseguições por suas relações especiais com a natureza; além disso, eram vistas como pessoas com poderes “assustadores” que poucos possuem. Mas nem sempre este é o caso; segundo Robert Graves, citado no *The Witches' Almanac*, uma em cada vinte pessoas possui o poder oculto, e Colin Wilson, um autor britânico citado no *The New York Times*, afirma que cinco em cada cem pessoas eram bruxas naturais. E, ainda em suas palavras, esse fato era tão normal que ninguém parecia preocupar-se com ele até a Igreja começar suas perseguições, no século XIII.

Existe um excelente vídeo (exibido no *The Learning Channel*), *The Burning Times*, mostrando que a história e as possíveis causas de se ter mandado as bruxas para a fogueira, na Europa, foram encobertas. Nesse vídeo, sugere-se, de forma convincente, que os chamados casos religiosos eram uma zombaria à inteligência humana e uma fina camada de disfarce encobria a causa real. Não passavam de fatos políticos com o propósito de desvirtuar o poder de mulheres independentes, donas de riquezas ou propriedades, impedir a educação feminina e impor sua submissão a um guardião

masculino legal. Um exemplo dessa situação era a atuação das parteiras tornar-se restrita apenas aos médicos do sexo masculino, cuja educação, na realidade, era inferior à da bruxa Verde herborista do campo, que dominavam a área de medicina. Uma religião perseguidora como esta servia para elevar uma classe de elite dominante e pouco tinha a ver com o Divino.

Hoje, as igrejas execram o direito da mulher ao aborto por considerá-lo um crime contra os bebês, porém, durante quatro séculos, tanto a Igreja Católica quanto a Protestante torturaram, enforcaram e mandaram para a fogueira milhares de mulheres e crianças, inclusive bebês, acusados de serem bruxos. O número de nove milhões de indivíduos assassinados é apreciado com freqüência em escritos da Arte, mas não pode ser comprovado. Não obstante, sabe-se que esse terror devastou a população da Europa e, em alguns casos, eliminou povoados inteiros, com o grito de "Matem todos e deixe que Deus escolha os justos!"

Como naquela época, hoje, não se trata de um problema de fé, mas de domínio e autoridade. Se as pessoas acreditam que o aborto é a única causa dos fundamentalistas, basta uma rápida olhada em sua literatura para esclarecer qual é a linha de trabalho. O controle por eles exercido estende-se a distância sobre a sociedade, abrangendo o banimento dos contraceptivos, obrigatoriedade da religião cristã nas escolas públicas, declaração de ilegalidade da Wicca e do Paganismo, restrições às liberdades Constitucionais da Declaração de Direitos Humanos e introdução de testes religiosos para se manter um cargo público* (que é especificamente proibido pelo Artigo 6 da Constituição norte-americana). Para os fundamentalistas, a idéia de criar o paraíso de Deus na Terra — um conceito que nega a capacidade de Deus de fazer algo por si mesmo — exigiria a destruição da Constituição e o estabelecimento de uma ditadura.

A Importância do Conhecimento Herbáceo

Nos tempos modernos, o que restou do conhecimento herbáceo da bruxa vem sendo cuidadosamente redescoberto por numerosos herboristas. Porém, uma vez mais, a profissão médica opõe-se ao direito das pessoas de resolver seu problemas de saúde com o uso de ervas e, em consequência, severas restrições foram impostas à venda de ervas nos Estados Unidos. Em sua grande maioria, as ervas são adquiridas em casas de produtos alimentícios, mas, nos últimos quinze anos ou mais, proibiu-se por lei que os

* N. do E.: Válido apenas nos Estados Unidos, não ocorrendo aqui no Brasil.

empregados ajudem um comprador com informações acerca dos benefícios ou usos das ervas. Assim, embora o chá de sena a granel esteja à venda, são negadas as informações de que o excesso desse chá provoca intensa diarréia (é usado como laxativo). Da mesma maneira, não se esclarece que certas combinações de chá promovem o fluxo menstrual e outras induzem o aborto. Com isso, é possível descrever as ervas como perigosas e escrever artigos a respeito de pessoas que desenvolveram doenças pelo excesso ou mau uso de uma erva.

Estudo de Caso: Ervas como Contraceptivos

O conhecimento das ervas e seus usos pelas pessoas comuns enfraqueceria o poder da profissão médica na qual predomina o sexo masculino. No entanto, se uma mulher grávida viu num livro que o chá de tanaceto é bom para enjôos matinais, ela precisa saber também que, em outra obra, a planta é descrita como boa para induzir a menstruação — portanto, seu uso pode resultar em possível aborto espontâneo, dependendo da potência do chá e da quantidade consumida. Algumas obras discutem as ervas perigosas, e o leitor deve ter cautela, pois existe o risco de séria lesão ainda que o efeito de uma dosagem forte sobre a menstruação possa ser nulo ou até provocar aborto e morte. Vários contraceptivos herbáceos foram mencionados num artigo da edição de março-abril de 1994 da *Newsweek*, com enfoque sobre antigas técnicas contraceptivas e abortivas, “*Ever Since Eve... Birth Control in the Ancient World*”⁸. Comentava-se neste artigo que, na América rural, continua sendo prática a ingestão de uma colher de chá de sementes da planta “Queen An’s Lace” (uma erva silvestre com flores brancas rendilhadas) misturada num copo de água, após as relações sexuais para fins contraceptivos. A contracepção não era oficialmente ilegal na Igreja Católica até 1869; todavia, já no início do primeiro século d.C., a abordagem dos médicos de sexo masculino tendia a opor-se ao aborto. Apesar disso, o controle populacional era discutido no Mundo Antigo como algo benéfico para a sociedade.

Os nativos de uma tribo isolada da Floresta Amazônica só têm filhos a cada três anos, de acordo com a capacidade de os alimentar e criar; assim, a gravidez não desejada é interrompida com ervas. No entanto, os

8. N. da T. — Título que se traduz como “Desde Eva... O Controle da Natalidade no Mundo Antigo”.

americanos modernos esqueceram esse conhecimento em vista da imposição dos códigos religiosos judaico-cristãos, apesar da suposta liberdade religiosa. O resultado do insidioso enfraquecimento das liberdades promovido por leis fundamentadas em crenças religiosas é negar-se aos americanos o acesso a uma simples droga francesa para interromper a gravidez com a ingestão de apenas uma pílula administrada na privacidade do lar. Portanto, não haveria necessidade de disponibilizar essa pílula em clínicas de aborto e, mais uma vez, estariam nas mãos das mulheres as decisões particulares que afetam seus corpos e suas vidas. Existe uma promessa de liberar essa pílula nos Estados Unidos, dentro de alguns anos, mas a projeção de seu preço é ainda exorbitante. Na Europa, ela é acessível.

Educando-se a Respeito de Ervas

Quem desejar informações para integrar sua educação pessoal pode consultar as obras disponíveis sobre o assunto ou procurar os cursos por correspondência existentes em alguns colégios locais. No entanto, se essas mesmas pessoas falarem a respeito de ervas, elas estarão correndo o risco de ser acusadas de prática ilegal de medicina. No entanto, se as bruxas de hoje sugerirem um acetaminofen⁹ a um amigo com dor de cabeça, ninguém se queixará, mas, se recomendarem um remédio herbáceo, serão culpadas aos olhos da lei. As ramificações dessa questão provocaram a proibição, em escolas públicas, do porte de quaisquer medicamentos por estudantes — entre os quais, qualquer tipo de remédio comercial para cefaléia ou sintoma menstrual — para evitar a possibilidade de uma ação judicial, caso ocorra alguma reação adversa dentro da escola. A automedicação tem sido apresentada pelos profissionais médicos como um ato inconseqüente e de alto risco, mesmo já existindo uma história de automedicação humana que data de milênios.

Recomendo a *Rodale's Illustrated Encyclopedia of Herbs, Jude's Herbal Home Remedies* (de Jude C. Williams, M.H.) e *The New Age Herbalist* para um estudo adicional acerca dos usos medicinais das ervas. Pela riqueza de informações mágicas, recomendo a *Encyclopedia of Magical Herbs*, de Scott Cunningham. O elemento Verde da Arte é basicamente herbáceo, e o uso das ervas tem finalidades tanto medicinais quanto mágicas. Quando há ervas no trabalho, quase todos os feitiços e encantamentos são aperfeiçoados. É um dever para o praticante da Arte ter um jardim básico de ervas favoritas, mesmo que isso signifique plantas em vasos. O próprio contato

⁹ N. da T. — Tylenol, por exemplo.



O elemento Verde da Arte é basicamente herbáceo, utilizando-se as ervas tanto para fins medicinais como mágicos... O próprio contato com a Mãe-Terra e com as coisas verdes que nela crescem é uma fonte de renovação de energia e poder para qualquer bruxa.

com a Mãe-Terra e com as coisas verdes que nela crescem é uma fonte de renovação de energia e poder para qualquer bruxa.

A maioria das ervas prefere um solo arenoso, bem drenado, mas algumas vicejam em um solo úmido, que retém água. Se não houver os dois tipos de solo em seu jardim, como mais provavelmente é o caso, esse problema será contornado com o cultivo de ervas em canteiros e utilização de um solo apropriado. Muitas obras de jardinagem tratam dos métodos para plantar ervas e aparar suas pontas, assim como as quantidades necessárias de sol e água (e até algumas sugestões artísticas e artesanais). É mais fácil começar plantando as sementes numa vasilha com furos no fundo para a drenagem da água e depois transplantar as mudas para o jardim.

O Jardim de Ervas da Bruxa

Como existem herbanários bons e confiáveis, métodos de cultivo e utilização de ervas e até os possíveis tipos de arranjos artesanais, não abordarei este assunto. Em seu lugar, quero examinar o uso mágico das ervas. Muitas ervas podem ser adquiridas por reembolso postal em lojas de artigos esotéricos. Não há nada de errado em ser uma bruxa ocupada e encorendar os suprimentos de um estabelecimento conceituado, mas, claro, é sempre mais gratificante fazer os próprios óleos e cultivar, colher e armazenar as ervas. Tenho ambas as experiências; contudo, como em toda prática da Arte, a magia vem de dentro do praticante — os suprimentos são apenas um auxílio para a focalização nessa magia.

O jardim da bruxa deve conter as ervas básicas. O indivíduo sabe qual o uso a ser atribuído às ervas e, ao plantá-las, deverá ter isso em mente. Os canteiros serão grandes ou pequenos, dependendo da quantidade de ervas a ser utilizada. Algumas bruxas criam artesanatos com ervas para outras pessoas, ou cultivam-nas para distribuição em lojas, o que requer jardins grandes, enquanto outras têm necessidades mais simples e mantêm jardins menores. As listas a seguir dão exemplos de ervas encontradas no jardim completo de uma bruxa versátil:

agrimônia	cravo	lúpulo
alecrim	dente-de-leão	manjericão
alho	endro	manjerona
angélica	ênula-campana	matricária
arruda	erva-cidreira	mil-folhas
artemísia	erva-de-são-jão	óregano
aspérula	erva-de-são-bento	rosa
bardana	erva-doce	salsinha
betônica	erva-dos-gatos (gataria)	sálvia
bétula	estrágão	segurelha
calêndula	genciana	tanásia
camomila	giesta-das-vassouras	tomilho
capuchinha	hissopo	trevo
cebolinha	hortelã	tussilagem
cidró	lavanda	urze
cinco-folhas	ligústica	valeriana
coentro	losna	verbasco
confrei	louro	verbena

Entre as árvores, arbustos e flores úteis por suas propriedades específicas e destacadas como ornamentais estão:

amieiro	dedaleira	sorveira-brava
aveleira	espinheiro	salgueiro
carvalho	sabugueiro	urze

Ervas e suas Qualidades

Algumas ervas conhecidas pelo uso como condimentos culinários comuns desempenham uma função dupla, ou seja, são também utilizadas na Arte. O emprego dessas ervas frescas na preparação de alimentos acrescenta magia à refeição, fazendo parte de um ritual. Tendo-se o conhecimento dos usos das ervas na prática mágica, a criação de encantamentos passa a seguir um padrão que funciona para o indivíduo, ainda que fundamentado em atributos aceitos. A *Encyclopedia of Magical Herbs*, de Scott Cunningham, é um instrumento muito útil, particularmente quando se pretende combinar a fórmula mágica a ser criada com uma determinada erva em razão de suas características, associações planetárias e elementais e assim por diante. Raramente dou muita atenção às relações astrológicas referentes às próprias ervas; todavia, muitas pessoas fazem isso. Minha lista de ervas e seus usos tende a ser mais sucinta. A que se segue consta de meu livro de encantamentos. **Aviso:** *Tenha cautela com as plantas venenosas, pois, até a inalação da fumaça pode ser perigosa.*

ERVA	QUALIDADE
acácia	queime como oferenda no altar; ajuda os poderes psíquicos, meditação.
agrimônia	proteção; devolve os feitiços a quem os enviou; promove o sono.
alecrim	queime para purificação; afasta a negatividade; para proteção, amor, saúde; cultive para atrair elfos; bênção, consagração.
alga marinha	encantamentos do vento, proteção, poderes psíquicos.
alho	consagrado a Hécate; flores para oferenda no altar; os dentes para proteção.
ameixeira-brava	devolve o mal a quem o enviou.
amieiro	os sibilos atraem o Elemental Ar.
amora-preta	proteção, saúde, prosperidade; tortas para Lughnassadh.

angélica	borrife pela casa para afastar a negatividade; para proteção, presságio.
anis	purificação, proteção; atrai espíritos para ajudar nos encantamentos.
anis-estrelado	queime para o poder psíquico, boa sorte.
arruda	bênção, consagração, proteção; use em óleo de altar; saúde.
artemísia	adivinhação; fricione a erva fresca em bolas de cristal e espelhos mágicos para aumentar sua força; colha em noite de Lua cheia.
aspérula	adicone ao vinho de Beltane para remover barreiras; proteção, sucesso, mudanças, percepção psíquica.
aveia	riqueza, oferenda ao Deus.
aveleira	coloque as nozes num cordão, em série, e pendure na casa ou na sala de ritual para pedir o auxílio das fadas das plantas, utilizada para bastões, saúde, proteção, sorte.
banana	fertilidade, prosperidade (menciono-a para as pessoas de climas tropicais, pois as flores são hermafroditas e podem ser usadas como oferendas no altar para a Deusa e o Deus como Um — para este aspecto do Divino, eu uso a imagem de Shiva Ardhanari).
bardana	afasta a negatividade, purifica, protege (pode ser usada na lavagem de pisos, ou a raiz seca pode ser usada como pingente num cordão vermelho).
benjoim	queime para purificação; prosperidade.
bergamota	sucesso.
betônica	queime em Litha para purificação, proteção, para livrar-se de pesadelos (coloque dentro de um travesseiro embaixo do seu próprio travesseiro), para afastar o desespero (borifar ao redor de portas e janelas); percepção psíquica.
bétula	proteção, purificação, afasta a negatividade.
borragem	o chá ajuda os poderes psíquicos; leve consigo as folhas para proteção.
calêndula	encantamentos de casamento, sonhos clarividentes (num travesseiro), misturada com água e friccionada sobre as pálpebras para ver fadas; proteção; intensificação de poderes psíquicos; colha em sol alto.

<u>camomila</u>	meditação, repouso (beba como chá), purificação, tranqüilidade, prosperidade, incenso para o Deus.
<u>canela</u>	queime para poderes espirituais e psíquicos, proteção, sucesso.
<u>cardamomo</u>	queime para os encantamentos de amor; use em sachês de amor.
<u>carvalho</u>	o Deus; bastões; queime as folhas para purificar a atmosfera; use os galhos em feitiços; as bolotas atraem dinheiro; queime a madeira para ter boa saúde.
<u>cássia angustifolia</u> <u>(Folha de Sena Indiana)</u>	<i>Aviso: O chá não deve ser tomado durante menstruação ou gravidez</i> (esse chá induz tanto menstruação como diarréia e, se utilizado para provocar a menstruação ou combater a constipação, após o obter efeito desejado, tome o chá preto chinês, camomila e fruto da roseira-brava).
<u>cereja</u>	lascas queimadas em Sabás, criatividade.
<u>cidra</u>	coma para aumentar a capacidade psíquica (o bolo de frutas tradicional de Yule inclui cidra nos ingredientes).
<u>cinco-folhas</u>	prosperidade, proteção, purificação, sonhos adivinhatórios.
<u>coentro</u>	saúde.
<u>cominho</u>	evita o furto, queime para proteção.
<u>confrei</u>	raiz ou folhas para cura; leve consigo para uma viagem segura.
<u>cravo (Dianthus)</u>	proteção; oferenda no altar para a Deusa; força.
<u>cravo-da-índia</u>	queime para atrair riqueza, purificação e afastar a negatividade.
<u>dedaleira</u>	<i>Aviso: Venenosa, embora a erva digitális sejam proveniente dela. Cultive em jardim para proteção da casa e do quintal.</i>
<u>endro</u>	as sementes atraem dinheiro; folhas para proteção; flores para o amor.
<u>erva-benta</u>	purificação, amor.
<u>erva-cidreira</u>	sucesso, saúde, amor (embeba em vinho por três horas, remova e sirva o vinho).
<u>erva-da-Lua</u> <u>(lunária)</u>	adivinhação, amor, prosperidade.

erva-de-são-jão	queime em Litha para afastar a negatividade; use para invencibilidade, saúde, força de vontade; colhida em Litha.
erva-dos-gatos	amor e magia do gato.
espinheiro (pilriteiro)	bastões poderosos, magia da fertilidade, proteção.
eufrásia	chá para ajudar os poderes mentais.
freixo	bastão, para proteção; folhas, para sonhos proféticos; prosperidade.
funcho	proteção; consagrada ao Deus; pendurar nas portas em Litha.
gengibre	amor, sucesso.
giesta-das- vassouras	purificação (varrer o círculo), pendurada dentro de casa para proteção (as fadas não gostam dessa planta e, ao trabalhar com os devas, você também pode vir a ter repugnância do odor mofado da vassoura).
hissopo	purificação, afasta a negatividade.
hortelã	proteção, prosperidade; oferecida no altar para os espíritos auxiliadores.
laranja	cascas para o amor; incenso para a boa sorte; adivinhação.
lavanda	atrai elfos; queime para purificação, paz; use em banho de purificação; queime em Litha como oferenda; amor; percepção psíquica.
losna (<i>absinto</i>)	Aviso: <i>Venenosa</i> . Se queimada, use em área bem arejada, de preferência externa; evocação, adivinhação e consulta a cristais (mais forte se combinada com artemísia) em Samhain; proteção; consagrada à Lua.
louro	queime para poderes psíquicos; purificação; magia do desejo.
lúpulo	saúde, estimula o sono.
maçã	enterrada no jardim, em Samhain, como alimento para os espíritos dos mortos; amor (dividir uma maçã com a pessoa amada); saúde; atrai unicórnios.
macis	(flor da noz-moscada) queime para poder psíquico.
manjericão	proteção, riqueza, amor, afasta a negatividade.
manjerona	amor, proteção, riqueza.
matricária	evita indisposição, afasta acidentes em viagem.

<u>mil-folhas</u>	adivinhação, amor, matrimônio feliz (um buquê de noiva); afasta a negatividade, defesa, proteção; colha em Litha.
<u>mimosa</u>	proteção, afasta a negatividade, queime para purificação e consagrações (geralmente combinada com olíbano).
<u>mostarda</u>	saúde, proteção e fertilidade.
<u>nozes e pinhas</u>	use como ponta de bastão para magia de fertilidade.
<u>noz-moscada</u>	queime para a prosperidade.
<u>noz-peçã</u>	prosperidade.
<u>olíbano</u>	proteção, bênção, espiritualidade, meditação, poder.
<u>olmo</u>	atrai elfos, amor.
<u>palha</u>	atrai fadas; não queime a palha infundida de magia, pois trará má sorte; pode ser usada como uma imagem para proteger uma área (quando não for mais necessária, soltar as palhas e lançar ao vento).
<u>patchuli</u>	incenso para atrair dinheiro, fertilidade, terra, Submundo.
<u>pimenta</u>	use em amuletos ou cultive para proteção; afasta a negatividade.
<u>pimenta-da-jamaica</u>	queime para a prosperidade.
<u>pinheiro</u>	varra a área externa do ritual com um galho para purificar e santificar; queime para limpeza; as ponteiras da pinha são usadas em encantamento de dinheiro.
<u>sabugueiro</u>	Aviso: As sementes são venenosas. Afasta os pensamentos negativos, quando usada como sino dos ventos; bênçãos; a madeira não deve ser queimada, pois é consagrada a Hécate, vêem-se fadas nessas árvores em Litha, as bagas podem ser usadas no vinho de Esbá, as flores podem ser acrescentadas a um encantamento com vela, dirigido a Hécate, durante a Lua nova.
<u>salgueirinha</u>	a púrpura restaura a harmonia e traz a paz (pode ser borrifada nos cantos das salas ou oferecida como presente para promover um acordo).
<u>salgueiro</u>	queime a casca com sândalo para clarividência, amor, proteção.
<u>salsinha</u>	purificação, proteção.
<u>sálvia</u>	proteção, sabedoria, saúde.

samambaia	queime dentro de casa para proteção e fora, para chuva.
sândalo	queime para proteção; Esbás de Lua cheia; afasta a negatividade; oferenda a espírito.
selo-de-salomão	uma oferenda aos elementais por seu auxílio, proteção.
sorveira-brava	bastões e amuletos para o conhecimento; incenso das folhas e bagas para a adivinhação; inflamada para invocar o auxílio dos espíritos; cultivada para proteção da casa; inspiração.
tanásia	saúde.
teixo	Aviso: <i>Venenoso.</i> Símbolo de Yule da morte e do renascimento; usado para cabos de punhal.
tília	casca usada para proteção; folhas e flores para imortalidade, boa sorte, sono e amor.
tojo	queime em Ostara para proteção e como preparação para qualquer conflito.
tomilho	afasta a negatividade; queime para purificação e encantamentos de saúde.
trevo	para decorar o altar, sorte; ao colher um trevo, derrame um pouco de derramado de gengibre ou leite no chão em pagamento às fadas.
trigo	fertilidade, riqueza.
urze branca	adicone ao chá para ter sonhos clarividentes.
urze vermelha	para iniciar ou concluir um negócio; branca para proteção; púrpura para desenvolvimento espiritual; use em Samhain para convidar os espíritos a uma visita.
verbasco	proteção, adivinhação, saúde, coragem.
verbena	colha/queime em Litha, oferenda de altar, amor, purificação; atrai riquezas; criatividade; repele ataque psíquico.
vetiver	amor, dinheiro; afasta a negatividade.

As Ervas e os Ciclos da Lua

As fases da Lua podem ter um papel importante na programação do plantio e da colheita das ervas para uso mágico. Para planejar as finalidades de uso, consulte um calendário que, em sua maioria, designa os dias de Lua nova, quarto crescente, Lua cheia e quarto minguante (um almanaque tam-

bém dá essas informações). As culturas com floração anual e acima do solo, cujas sementes são externas (como o trigo), devem ser plantadas quando a Lua estiver em período de desenvolvimento entre a fase nova e o quarto crescente. Entre o quarto crescente e o desenvolvimento para Lua cheia, plante as culturas acima do solo e com sementes internas (como as ervilhas). As culturas com raiz e bulbos, bienais ou perenes (como a maioria das ervas), devem ser plantadas entre a fase de diminuição da Lua cheia e o quarto minguante. Nada é plantado entre o quarto minguante e a Lua nova.

Muitas pessoas não apenas plantam durante a fase certa da Lua, mas também de acordo com os signos astrológicos apropriados. Muitas vezes, o uso da Lua em relação aos signos astrológicos é apresentado em almanaque. Como dar informações é uma característica comum da Wicca, é preciso saber que a Lua permanece num signo astrológico por volta de dois dias e meio e, uma vez mais, a melhor fonte para essa informação é um almanaque. Os signos férteis, utilizados para plantio e poda para o crescimento, são: Câncer, Escorpião, Peixes, Touro, Capricórnio e Libra. Os signos estéreis, utilizados para eliminar ervas daninhas, cultivar e colher as ervas, são: Leão, Virgem e Sagitário, e para a colheita de ervas e raízes, em particular, os signos de Áries, Gêmeos e Aquário.

Descobri, com a experiência, que as condições variam de acordo com a região em que se está; assim, orientei-me pelas fases da Lua e conforme a natureza me induzia ao plantio e à colheita. A ordem das colheitas é determinada pelo ciclo natural de crescimento da planta; assim, ervas daninhas são arrancadas e a poda é efetuada conforme o necessário. Essa ordem embasa-se na interação natural entre Terra, Lua e Sol sinalizando as mudanças da estação. A natureza genérica do nível Verde da Arte permite que as pessoas apreciadoras dos rituais incorporem a astrologia a suas vidas.

Ervas para Incenso e Magia da Vela

As ervas geralmente são queimadas como incenso durante um encantamento ou ritual. Existem blocos de carvão para essa finalidade tanto em lojas de presentes e de velas como em estabelecimentos de artigos esotéricos, mas, em algumas ocasiões, as ervas são queimadas em velas consagradas para um trabalho específico. Esta lista de ervas mostra os usos do incenso ou a magia de vela. **Aviso:** *Lembre-se, quando queimada, a losna é venenosa; portanto, use boa ventilação.*

QUALIDADE	ERVA
adivinhação	louro, cinco-folhas, calêndula, erva-da-Lua, artemísia, verbasco, casca de laranja, tomilho, aspérula, losna, mil-folhas

amor	erva-benta, cardamomo, flores de endro, gengibre, lavanda, folhas de tília, calêndula, manjerona, erva-da-Lua, semente de mostarda, casca de laranja, verbena, vetiver, losna, mil-folhas
bênção/ consagração	camomila, cravo, flores de sabugueiro, funcho, hortelã, aveia, alecrim, arruda, verbena
contato com espíritos/bênçãos	lilás, urze púrpura, hortelã, selo-de-salomão
coragem	verbasco, alecrim
criatividade	verbena
cura	cinco-folhas, confrei, coentro, lúpulo, lavanda, erva-cidreira, aspérula, mostarda, alecrim, arruda, sálvia, erva-de-são-joão, tanásia, tomilho
dinheiro	manjericão, bergamota, camomila, cravo-da-índia, sementes de endro, hortelã, erva-da-Lua, noz-moscada, aveia, vetiver
energia/poder/ força	cinco-folhas, flor de sabugueiro, funcho, erva-de-são-João, verbena
equilíbrio	manjericão, camomila, confrei, verbasco, aspérula
estimular	tília, urze púrpura, aspérula
mudanças	
fechamento/envio de energia positiva	losna. Aviso: <i>Quando queimada é venenosa.</i>
felicidade/paz	jasmim, lavanda, alecrim, verbena
força/ força de vontade	alecrim, erva-de-são-joão
liberação de negatividade	betônica, cravo-da-índia, hissopo, artemísia, alecrim, erva-de-são-joão, tomilho, verbena, vetiver, mil-folhas
limpeza/purificação	erva-benta, betônica, benjoim, bardana, cravo-da-índia, hissopo, lavanda, verbasco, salsinha, alecrim, tomilho, verbena, losna, mil-folhas
meditação	acácia, camomila
percepção psíquica	louro, betônica, bardana, canela, flor de sabugueiro, lavanda, macis (flor da noz-moscada), calêndula, anis-estrelado, aspérula
proteção/defesa	betônica, bétula, bardana, cominho, cravo, folhas de endro, funcho, samambaia, manjerona, hortelã, artemísia, verbasco, mostarda, salsinha, alecrim,

	arruda, sálvia, verbena, urze branca, aspérula, losna, mil-folhas
sorte/justiça	louro, bergamota, cinco-folhas, erva-cidreira, casca de laranja, anis-estrelado, verbena, violeta, aspérula

Bruxas e Árvores

Além das ervas, as árvores também são usadas na prática Verde. Elas são cultivadas para diversas finalidades: varinhas, bastões e estacas (bifurcadas); casca, madeira, folhas, flores e frutos são utilizados no trabalho mágico. Segue-se uma lista de árvores e as propriedades pelas quais são utilizadas:

ÁRVORE	QUALIDADE
abeto/pinheiro	prosperidade, nascimento e renascimento; estaca
amieiro	magia de água, força
aveleira	sabedoria, bastão da bruxa completa
azevinho	intensifica a magia
bétula	purificação, bênção, saúde, começos, vassoura (<i>besom</i>)
carvalho	fertilidade, poder, equilíbrio, proteção, sucesso, estaca
choupo	sucesso
espinheiro	pureza, proteção, bastão, atrai fadas
freixo	estudo, saúde, intensifica a magia de vassoura, (<i>besom</i>), estaca
hera	fertilidade, amor
maçã	amor, alimento espiritual
sabugueiro	limpeza, oferenda
salgueiro	magia da Lua, desejos, passagem da morte, vassoura (<i>besom</i>)
sorveira (<i>sorveira-brava</i>)	proteção, intensifica a magia, estaca
teixo	percepção psíquica, espíritos, passagem da morte
videira (<i>uva</i>)	felicidade

Os Dias da Semana e as Árvores

Existem também associações tradicionais entre as árvores e os dias da semana, certas deidades e outros aspectos da Arte e do trabalho mágico.

DIA	ÁRVORE; DEIDADE; ASSOCIAÇÕES
segunda-feira	salgueiro; Hécate (anciã); sabugueiro, salgueiro
terça-feira	azevinho, cedro; elfos; olmo
quarta-feira	aveleira; Senhor e Senhora; sorveira (sorveira-brava)
quinta-feira	carvalho, pinheiro; Senhor; carvalho
sexta-feira	maçã, murta; Senhora; bétula
sábado	amieiro; fadas; espinheiro
domingo	bétula, loureiro; árvore das bruxas; espinheiro

O freixo, o carvalho e o espinheiro cultivados ou encontrados em conjunto formam o que se chama a Tríade da Fada, que o povo das fadas pode visitar e onde pode ser visto.

Coleta e Armazenamento de Ervas

As ervas deverão ser colhidas em dia seco, de preferência cortadas com seu boline. Diga à planta por que está tirando-lhe um pedaço e peça-lhe permissão. Você deve deixar algo em troca ou dar-lhe sua bênção, porém as plantas de seu jardim de ervas provavelmente serão mais generosas e menos interessadas em receber um “presente”, pois sabem que você cuida delas. Não obstante, ser polido com as energias (*devas*) que habitam e fortalecem as plantas nunca prejudica. Para reter as propriedades mágicas, não coloque as plantas cortadas no chão. É muito útil levar no braço uma cesta de jardim. Amarre as ervas em pequenos feixes, com um cordão, e pendure-as num local escuro e arejado (eu uso linha ou fio de seda de bordado de cor vermelha para aumentar o poder da erva). As folhas e as flores sem talos podem ser dessecadas dentro de um saquinho de musselina, mas uso também saquinhos de papel com igual sucesso. Depois de uma semana, as ervas deverão estar prontas para serem esmigalhadas, picadas ou trituradas, e depois armazenadas no escuro em latas ou garrafas com tampas de rosca. Guardo garrafas grandes de molhos prontos e geléias para reutilizar no armazenamento de ervas e chás em um armário longe da claridade.

Tratamentos Herbáceos

O livro de encantamentos criado para si mesma deve conter uma lista de tratamentos e características herbais. Algumas ervas podem ser utilizadas para tratamento interno e outras são apenas para uso externo. Há ervas para estimular o apetite e a digestão, outras são tranqüilizantes ou calmantes. Elas podem ser usadas como adstringentes, laxativos, expectorantes e sedativos leves. O melhor lugar para procurar informações a respeito da utilização das ervas para fins medicinais é em obras sobre remédios herbais. O *Buckland's Complete Book of Witchcraft* apresenta uma relação de propriedades e equipamentos e, ainda que meu enfoque nesta obra seja o uso mágico das ervas, meu livro de encantamentos contém referências também aos usos medicinais. As bruxas normalmente estudam todos os aspectos das ervas para poder aplicar esse conhecimento. O *New Age Herbalist* também é uma boa referência.

Termos Medicinais

TERMO	SIGNIFICADO
cataplasmas	misturar ervas esmagadas com água e fubá, formando uma pasta para colocar sobre a área afetada (usados em inchaços, furúnculos e feridas)
clarificação	derreter e remover a gordura ou filtrar
decocção	adicionar água fervente à erva para extração dos princípios ativos (chás)
filtração	como os filtros de café, porém utilizando ervas (ou usar um equipamento especial)
infusão	derramar água quente ou fria sobre as ervas para extração dos princípios ativos
maceração	embeber em álcool ou óleo (óleo de oliva é melhor) e agitar em intervalos para extração dos princípios ativos
percolação	(filtração) como os filtros de café, porém utilizando ervas (ou usar equipamento especial)
pomadas	picar as ervas com gordura vegetal (ou toicinho) e cera de abelhas, cobrir e colocar ao sol ou no forno, em fogo baixo, por quatro horas; coar 'num tecido de algodão grosso' e deixar assentar num recipiente limpo (não derreter novamente)

pós-compostos simples ¹⁰	misturar ervas como remédio para gripe e febre embeber a erva em água quente por vinte minutos (não usar alumínio)
xaropes	dissolver açúcar mascavo e adicionar às ervas até ficar suculento; em seguida, coar, num tecido de algodão grosso, numa garrafa limpa e armazenar

Banhos de Ervas

Para fazer um banho de ervas, coloque numa jarra uma combinação de ervas e flores picadas, depois coloque dessa combinação duas colheres de sopa num sachê de algodão ou musselina (poroso o suficiente para a essência herbácea atravessar, mas que impeça que as folhas se espalhem na água do banho) com um cordão para fechar. Amarre-o e coloque na banheira cheia de água. Se quiser, adicione sal para um banho de purificação. Os banhos de ervas podem consistir em combinações de camomila, cravo-da-índia, urze, lúpulo, lavanda, funcho, calêndula, hortelã, amor-perfeito, rosa, alecrim e segurelha. Pense nos benefícios das ervas em uso e invoque as energias das plantas para limpar, energizar e reanimar, enquanto se banha.

Travesseiros dos Sonhos

Uma das magias mais populares com ervas é o Travesseiros dos Sonhos. São pequenos travesseiros com enchimento de ervas para produzir o efeito desejado. Já fiz travesseiros para toda a família, diversificando-os, conforme a necessidade ou pedido especial. E são adoráveis presentes para Imbolc. A cor do travesseiro e das ervas é variável, dependendo da finalidade para a qual foi confeccionado. Em Imbolc, as ervas geralmente misturadas no enchimento do travesseiro são artemísia, alecrim e lúpulo, ou lavanda, artemísia e rosa. As ervas para favorecer os sonhos devem ser colhidas durante a fase crescente ou na Lua cheia.

As cores do material do travesseiro (algodão é melhor para conter as ervas, pois é uma fibra vegetal natural) são o branco para meditação; lavanda para o crescimento psíquico e adivinhação; verde para o equilíbrio; rosa para o amor emocional; púrpura para intuição e desenvolvimento espiritual; azul-claro para meditação e compreensão; e amarelo para clarividência e adivinhação. Gosto de fazer cada lado do travesseiro com uma cor diferente; verde e branco para proteção e paz; azul e branco para compreensão e paz; amarelo

¹⁰ N. da T. — Termo antigo para erva medicinal.

e azul para adivinhação e compreensão; amarelo e verde para adivinhação e equilíbrio; e rosa e verde para amor emocional e equilíbrio.

Relações entre as Cores

COR	ASSOCIAÇÃO
amarelo	Elemental Ar, adivinhação, clarividência, alerta mental, crescimento intelectual, prosperidade, aprendizagem, mudanças, harmonia, criatividade anular uma discórdia, doença, raiva, ciúme
amarelo esverdeado	desenvolve habilidades de Bruxaria
âmbar	saúde
azul (qualquer matiz)	percepção psíquica, intuição, oportunidade, compreensão, pesquisas, viagem segura, paciência, tranquilidade, afasta depressão
azul (claro)	a Deusa (castiçal representativo de ritual), Elemental Água, verdade, sonhos, proteção, mudança, meditação, impulso
azul (escuro)	a Senhora e o Senhor em conjunto, magia da Lua cheia, pureza, proteção, verdade, meditação, paz, sinceridade, justiça, afastamento de dúvidas e medos
branco	magia com fadas que não são da natureza, como a comunicação com os reinos das fadas, viagem ao Outro Mundo, busca de visões, velamento, cancelamento, hesitação, neutralidade
cinza	desenvolvimento interior por meio de relaxamento e introspecção
diversificada	o Deus, energia solar, poder, força psíquica, sucesso, realização, crescimento mental, busca de habilidades energia de cura, intuição, adivinhação, sorte
dourado	meditação, comunicação com espíritos, trabalhos de carma, aprendizagem da sabedoria antiga, neutralização de magia de outros, afasta a calúnia
índigo	o Deus (castiçal representativo de ritual), força, cura, atrair as coisas para você, adaptabilidade, sorte, vitalidade, encorajamento, esclarecimento da mente, dominância
laranja	desenvolvimento espiritual, crescimento psíquico, adivinhação, sensibilidade para com o Outro Mundo, bênçãos
lavanda	

marrom	Elemental Terra, resistência, saúde de animal, constância, casas e lares, objetos físicos, incertezas
prata	a Deusa, magia da Lua, meditação, desenvolvimento psíquico, sucesso, equilíbrio, afasta a negatividade
preto	afasta a negatividade, remove feitiços, proteção, contato com espíritos, o Universo, noite, verdade, remove discórdia ou confusão
púrpura	poder, desenvolvimento espiritual, intuição, ambição, cura, progresso, negócios, comunicação espiritual, proteção, sabedoria oculta
rosa	honra, moralidade, amizades, amor emocional
verde	o Senhor e a Senhora da Floresta Verde, Elemental Terra, magia com ervas, magia com fadas da natureza (por exemplo, abençoar um jardim), sorte, fertilidade, cura, equilíbrio, emprego, prosperidade, coragem, agricultura, mudança de direção ou de atitudes
vermelho	Elemental Fogo, força, poder, energia, saúde, vigor, entusiasmo, coragem, paixão, sexualidade
violeta	auto-aperfeiçoamento, intuição, sucesso em pesquisas

Significado das Ervas

Além dos Travesseiros dos Sonhos, existem dois tipos de encantamentos de sonhos com o uso de ervas. Várias ervas induzem a produção de resultados específicos:

ERVAS	USO; RESULTADOS
agrimônia	borrifada sob o travesseiro (a partir de agora com a abreviação S/T); acalma e traz um sono reparador
cedro	queime à hora de dormir para cura, limpeza e proteção espiritual
cinco-folhas	(S/T); orientação no amor e percepção do futuro
erva-dos-gatos	(gatária) beba em forma de chá quente para um sono repousante e sonhos saudáveis
folhas de buchu ¹¹	queime à hora de dormir com olíbano para orientação dos sonhos
folhas de freixo	(S/T); promove sonhos perceptivos e proféticos
folhas de louro	(S/T); sonhar com o futuro

11. N. da T. — Erva africana, cujo nome é derivado do termo hotentote bookoo; da espécie *Bumelia betulina*.

heliotrópio	(S/T); adivinhação
olíbano	queime à hora de dormir para sonhar com o crescimento espiritual e ter percepção do futuro
raiz de samambaia (S/T);	sonhar com as soluções dos problemas
sementes de anis	(S/T); proteção espiritual

Ervas em Rituais

Como Oferendas

As ervas podem ser utilizadas como símbolos de estima e respeito pelas deidades e energias da Arte. A Deusa pode ser reverenciada com oferendas naquelas fases da Lua em que sua identidade é a de donzela, mãe ou anciã. Faço as oferendas em relação a um aspecto específico da Senhora com base na aparência visual, textura e aroma da erva apropriada. O ato de queimar as ervas nas chamas leva o foco do ritual para o altar, estimulando a ligação íntima entre a bruxa e o aspecto da deidade maior. É uma dádiva muito semelhante ao que expressam as palavras: “Todas as coisas, incluindo eu mesmo, provêm do Senhor e da Senhora, e eu vos ofereço em troca uma porção do que de vós recebi”. Na Bíblia, a oferenda de Caim foi rejeitada pelo deus judaico porque, na época em que a Bíblia foi escrita (625 a.C.), aquela era uma dádiva reconhecida como conveniente para a Deusa. Como é um costume oferecer plantas de vários tipos à Senhora, as oferendas herbais podem ter um significado e propriedades muito especiais.

Em Rituais de Sabás

Durante os oito Sabás, algumas ervas são queimadas e outras são usadas como oferendas e decorações no altar ou penduradas em volta da área do ritual.

SABÁ

ERVAS RELACIONADAS

Beltane

amêndoas, freixo, cinco-folhas, olíbano, calêndula, rainha-dos-prados e aspérula podem ser queimados; angélica, campainha, margarida-dos-campos, espinheiro, hera, lilás, primula e rosa podem servir como decoração

Imbolc	manjericão, louro, benjoim e celidônia podem ser queimados; angélica, mirra, flores amarelas e brancas podem servir como decoração
Litha	camomila, cinco-folhas, flor de sabugueiro, erva-doce, lavanda, artemísia, tomilho e verbena podem ser queimados; cânhamo, esporinha, pinheiro, rosa, erva-de-são-jão e glicínia podem servir como decoração
Lughnassadh	pé de milho, urze, olíbano e trigo podem ser queimados; flores de acácia, espigas de milho, malvrosa, murta, folhas de carvalho e trigo podem servir como decoração
Mabon	benjoim, calêndula, mirra, sálvia e cardo podem ser queimados; bolotas, ásteres, samambaias, madressilva, asclépia, crisântemos, folhas de carvalho, pinheiro e rosa podem servir como decoração
Ostara	celidônia, cinco-folhas, jasmim, rosa, tanásia e violetas podem ser queimados; bolota, açafrão, narciso, corniso, madressilva, íris, lírio e morango podem servir como decorações
Samhain	urze, verbasco, patchuli e sálvia podem ser queimados; bolotas, maçã, abóboras, folhas de carvalho, palha, giesta-das-vassouras, ditamno, samambaia e linho podem servir como decorações
Yule	louro, baga de loureiro, camomila, olíbano, alecrim e sálvia podem ser queimados; azevinho; junípero, visco, musgo, carvalho, pinhas, cedro, sempre-viva e cardo-santo podem servir como decoração

Em Rituais da Lua

A Lua nova ou crescente representa o aspecto da donzela, uma época para os rituais e meditações pessoais, definição de novos objetivos realização dos desejos com a magia. No início desses rituais, podem ser usadas as seguintes ervas: jasmim, mirra, alecrim, baunilha, queimadas numa vela branca ou prateada. Durante a Lua cheia, pode-se reverenciar o aspecto da mãe com freixo, gardênia, lótus, carvalho, palmeira ou rosa, queimados numa vela vermelha ou verde, durante um ritual de agradecimento pelo êxito nos trabalhos, pelas realizações e para reverenciar as energias ou os espíritos-guias. A fase minguante da Lua, ou Lua escura, representa o aspecto da

ançã, um momento para realizar banimentos, purgações, liberação de maus hábitos, remoção de obstáculos, divinação e purificação. Entre as ervas que podem ser usadas no início desses rituais estão o olíbano, flores de sabugueiro ou salgueiro, queimados em vela preta.

Durante um ritual de uma Lua específica, o altar pode ser preparado com as ervas sugeridas anteriormente usando a cor de vela indicada, porém, se estiver realizando um encantamento em particular ou outra magia para um fim especial num Esbá, se quiser poderá mostrar primeiro o seu respeito pela Senhora, utilizando em seguida as velas e ervas apropriadas para o trabalho pretendido. Há uma grande flexibilidade no nível Verde da Arte, e a bruxa é incentivada a fazer o que sente ser o correto.

Em Rituais com Data Marcada

Algumas pessoas, pela necessidade de conseguir o máximo alinhamento possível, preocupam-se com o dia, hora e influência planetária apropriados para a realização de um encantamento. O elemento Verde segue uma orientação solar e lunar em vez de astrológica, mas, por ser o nível básico de qualquer prática da Arte, pode ser adaptado ou sobreposto ao uso de dias, horas e signos favoráveis. A realidade normal, entretanto, é a máxima simplicidade dos rituais e os fatores acima não são levados em consideração. Já senti a necessidade de fazer um encantamento, e o fiz sem verificar se era ou não o momento apropriado e, a partir de então, nunca mais achei que não fosse. Há muitas maneiras de ajustar o momento dos trabalhos mágicos, sendo possível manipular uma lista de dias e horas para servir às nossas necessidades sempre que surgirem. No entanto, por se tratar de uma característica comum da prática da Arte, mantenho uma programação razoavelmente padronizada de referência, para o caso de me sentir inclinada a usá-la.

Dias

DIAS	ASSOCIAÇÕES
segunda-feira	(planeta) Lua; (cores) prata, branco, cinza; (erva) erva-da-Lua; (influências) sonho, emoções, clarividência, lar, família, medicina, culinária, personalidade, negócios, furto
terça-feira	(planeta) Marte; (cores) vermelho, laranja; (erva) manjericão; (influências) energia dinâmica, matrimônio, guerra, inimigos, prisão, caça, cirurgia, coragem, política, disputas

quarta-feira	(planeta) Mercúrio; (cores) amarelo, cinza, violeta; (erva) lavanda; (influências) comunicação, ensino, razão, adivinhação, habilidade, auto-aperfeiçoamento, dúvida, medo, perda
quinta-feira	(planeta) Júpiter; (cores) azul, púrpura; (erva) cinco-folhas; (influências) saúde, honra, sorte, riquezas, vestuário, dinheiro, questões legais, desejos
sexta-feira	(planeta) Vênus; (cores) rosa, água, verde; (erva) tomilho; (influências) amor, amizade, atividades sociais, estrangeiros, prazer, arte, música, incenso e perfumes
sábado	(planeta) Saturno; (cores) preto, índigo (erva) verbasco; (influências) autodisciplina, vida, construção, doutrina, proteção, liberdade, velhice, destruir doenças e pestes
domingo	(planeta) Sol; (cores) amarelo, laranja, dourado; (erva) erva-de-são-jão (influências) individualidade, esperança, fortuna, dinheiro, poder, cura, promoções, força, espiritualidade

Horas

Um almanaque com enfoque mágico apresentará uma programação das horas do dia (após o nascer e o pôr-do-sol), mostrando o planeta regente de cada dia da semana. A seqüência é Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, Saturno, Júpiter, Marte, depois se repete começando no domingo; a mesma seqüência tem início na segunda-feira com a Lua, terça-feira, com Marte e assim por diante, de tal forma que, a cada dia, a primeira hora após o amanhecer seja regida pelo planeta deste dia, e você progride pelas 24 horas, sendo as primeiras doze horas após o nascer do sol e as doze subsequentes, após o pôr-do-sol. Você pode compor sua própria tabela com os dias da semana em cima, em linha horizontal, e as horas do dia listadas numa coluna vertical e lateral, começando então simplesmente na seqüência mostrada para cada dia. Seus trabalhos podem ser ajustados de acordo com as horas após o nascer e o pôr-do-sol, pois só duas vezes ao ano elas são equivalentes. Depois de composta, a tabela é fácil de usar.

O Livro de Encantamentos de uma Bruxa

Você deve ter notado que eu me refiro ao meu livro de encantamentos e não ao Livro das Sombras, como é mais comum nas tradições wiccans. Na realidade, há dois livros distintos que constituem a coluna dorsal da minha abordagem da Arte — o livro de encantamentos, contendo as informações reunidas ao longo dos anos de prática e experiência, dos quais procedem os encantamentos, feitiços e rituais; e o Livro dos Rituais, reconhecível como uma faceta do Livro das Sombras wiccan, contendo os ritos para Sabás e Esbás. Os ritos de passagem e as celebrações de Sabás individuais podem ser encontrados nos Capítulos 7 a 16; no entanto, não tente saltar para os rituais sem conhecer os princípios básicos e seu respectivo fundamento. O livro de encantamentos é um instrumento útil composto pela bruxa, um pouco semelhante a um livro de receitas, com diferentes títulos.

Gosto de utilizar diários encadernados e pautados, com capas decorativas, encontrados em quase todas as livrarias. Uso pequenas lingüetas (à venda em papelarias e estabelecimentos de suprimentos para escritórios) para marcar o índice de páginas. À medida que o preenche com informações, o livro produzirá uma sensação amigável e útil. Pode ser selecionada uma capa atraente, expressando o que deseja na Arte. Nunca gostei de livros de cor negra compacta, geralmente associada à Bruxaria, simplesmente porque os elementos Verdes são marrons e verdes, flores e ervas, Sol e Lua, céu e terra. Meu livro de encantamentos é marrom e verde, com grandes folhas de videira e uma rosa vermelho-laranja no centro, mas o Livro de Rituais é verde com ramalhetes de flores douradas e rosas vermelhas nos cantos.

Além desses dois livros, tenho ainda um livro de divinações e um diário que serve tanto como um diário de sonhos como um registro de impressões de outros eventos, como meditações e visões. A maioria das bruxas mantém diários de sonhos, registros de adivinhação e descrições de seus encontros com o Outro Mundo para referência, prática esta que recomendo muito.

A fascinação moderna pelo ritual composta de regras rígidas, rituais secundários para a prática de magia, pode recuar diante da sabedoria ancestral e renascer das lendas de magas chamadas formadoras de magias ou *grimoaria*. Podem estar no primeiro! Lembram deles a conversa quando ex-

A Relação de uma Bruxa com a Natureza

A bruxa, cuja prática está focalizada no nível Verde, sente-se próxima das coisas verdes que crescem na terra, conversa com freqüência com as plantas, os insetos, as rochas e todas as criações na natureza. O aspecto animista e panteísta da Arte faz disso uma etapa lógica, mesmo que muitas vezes tenha sido utilizada por outras pessoas com graus diversos de hostilidade. A pessoa que não é bruxa amaldiçoará as ervas daninhas, enquanto eu as repreendo e lembro-as de que têm todo o quintal para brincar; portanto, devem ficar fora do jardim das ervas. Quando capino as ervas daninhas do jardim (nunca as corte, mas arranco-as inteiras, com a raiz), simplesmente as transplante num solo onde se enraízem rapidamente e vivam bem felizes. Para mim, as ervas daninhas não são pragas, mas assemelham-se a crianças travessas que brincam de esconde-esconde entre as ervas, esperando para ver quanto tempo leva para serem notadas.

Já as árvores, descobri que são mais receptivas e predispostas a conversas íntimas com as pessoas. Algumas precisam vir a conhecer bem a pessoa que lhes fala antes de se darem ao trabalho de responder. Encontrei árvores um pouco indiferentes e outras que ficam muito contentes em ser visitadas e em conversar. Mas há algumas que emanam amor e afeição para os seres humanos, e é uma alegria ficar perto delas. Geralmente, no entanto, depois de uma árvore reconhecer sua preocupação com ela e que você não é uma exploradora, ela passa a misturar energias com você. Os devas do mundo vegetal ligam-se às pessoas que se interessam por eles, e você se sentirá mudada, de modo que a qualquer lugar aonde for, as coisas verdes que crescem na terra irão reconhecê-la como uma amiga, alcançando-a com suas energias.



VIDA VERDE

Há uma diferença entre praticar magia e viver o nível Verde da Arte. No primeiro caso, o indivíduo estuda para aprender uma série de rituais e entrar num estado diferente de percepção, quando, então, tenta manipular as energias externas na realização de magia. No segundo caso, a própria vida do indivíduo é uma contínua experiência mágica ressaltada por eclosões de poder mágico.

Magia Cerimonial

A fascinação moderna pelo ritual composto de regras e regulamentos estritos para a prática de magia pode recuar até os autores medievais e renascentistas dos livros de magia chamados formulários de mágicos ou *grimório*. Foram estes os primeiros Cerimonialistas a escrever rituais ex-

tensos e complexos pelos quais o Adepto entrava em contato com os reinos superiores e fazia magia (González-Wippler, em *The Complete Book of Spells, Ceremonies & Magic*, dá alguns exemplos). Os próprios rituais, entretanto, relacionavam-se a anjos, demônios, espíritos das trevas e ao Filho de Deus. Eles não refletem uma tradição antiga, mas, sim, uma tradição relativamente recente, datando da herança judaica de cerca de 1000 a 600 a.C.

A Influência Ariana

No Apêndice, apresento uma discussão do cenário histórico das invasões de várias tribos arianas da Ásia Central, cerca de 2000 a 1200 a.C., e como a influência ariana alterou a expressão religiosa nas terras conquistadas. É importante lembrar aqui, e na prática de magia, que anjos, demônios, espíritos das trevas e soberanos dos vários reinos têm sua origem em vários deuses e deusas antigos de povos conquistados. Para mim, esse conhecimento impossibilita a prática de um tipo de magia completamente Cerimonialista. A invocação de um arcanjo, por exemplo, deve estar em conformidade com algumas crenças dos sistemas religiosos mais modernos. Isso não significa que o sistema não produza efeitos, mas, para funcionar, o praticante precisa aceitar e seguir os princípios básicos da metodologia ariana que dá ênfase ao poder de deidades passíveis de serem descritas como pertinentes a uma classe social (soberanos, sacerdotes e guerreiros) e não à natureza (a Senhora e o Senhor, matéria e energia do nível básico).

A politização da religião é uma herança dos antigos arianos. Ela deixou uma marca nas religiões modernas por meio de um padrão subsequente de elitismo e dominância clerical, circunstâncias em que a subserviência da comunidade de crentes foi imposta por dogmas e doutrinas ritualizados. O mundo “ariano” não deve ser interpretado como um termo negativo, apesar de seu uso errôneo nos contextos modernos de preconceito racial e fanatismo étnico, visto que todas as principais religiões modernas têm uma base ariana. Os conflitos ocorridos entre essas convicções religiosas são principalmente o resultado do grau de ênfase atribuído aos conceitos do nível Verde nas diferentes seitas. O propósito original de uma mudança das práticas religiosas de uma região era assegurar o controle do invasor dominante sobre o povo conquistado.

As perseguições e as guerras religiosas, que foram, e ainda são, uma característica da história ocidental, eram desconhecidas antes das migrações dos arianos. Esse avanço agressivo de povos deveu-se possivelmente à superpopulação e a uma mudança bem-sucedida na organização social com a finalidade de resolver o problema. Tendo iniciado por volta de 2000 a.C., a chegada desses povos nas extensões do sul do subcontinente da Índia, do Oriente Próximo e do Mediterrâneo deu origem a religiões que vão desde o Hinduísmo até o clássico panteão grego, Budismo, Judaísmo,

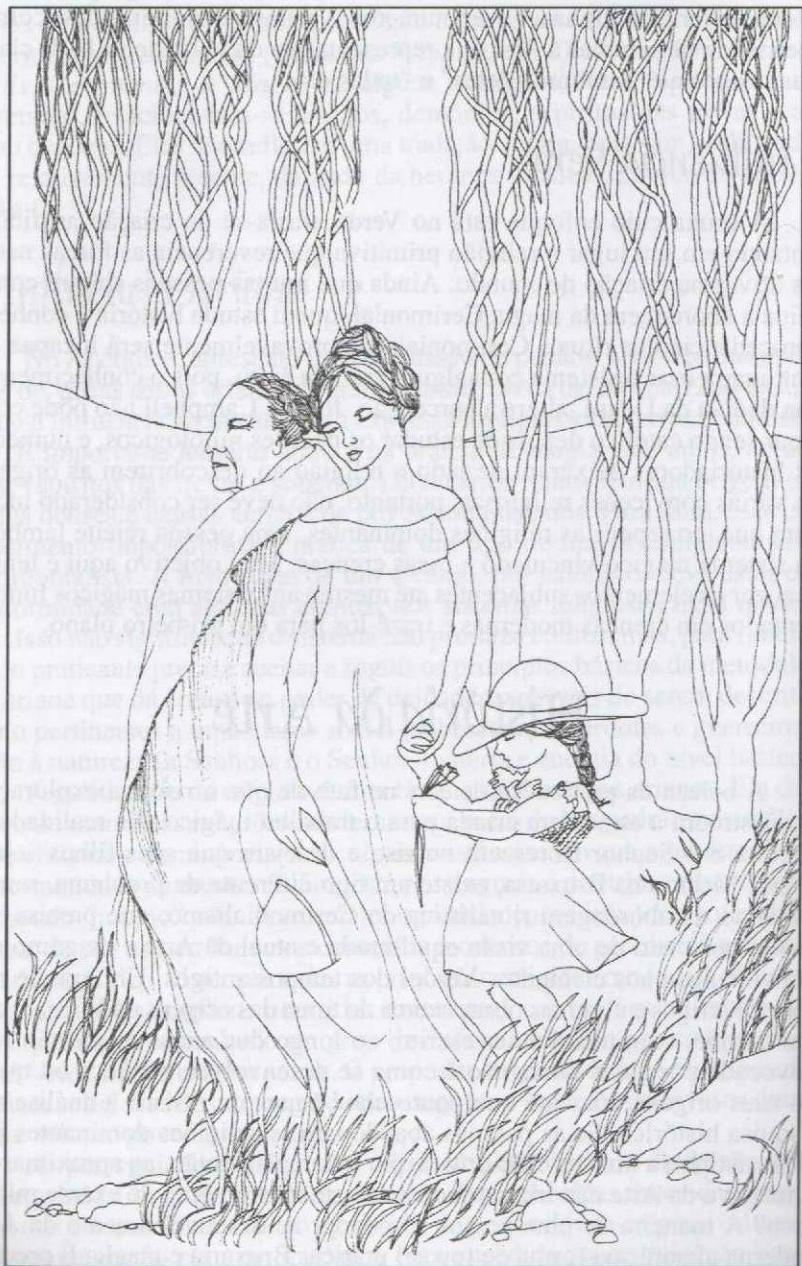
Cristianismo e Islamismo — lutando todas entre si (em cada grupo havia, e em sua maioria continua a haver, numerosas seitas e denominações) com o objetivo de determinar a doutrina representativa da verdadeira fé. É claro que a resposta é “nenhuma delas” e “todas elas”.

A Influência Verde

A bruxa cujo enfoque está no Verde afasta-se da criação artificial, adotando em seu lugar a religião primitiva que reverencia as forças naturais ativas na criação do mundo. Ainda que muitas pessoas sintam como válida a abordagem da magia Cerimonial, quem estuda história e conhece a procedência dos rituais Ceremonialistas provavelmente será incapaz de continuar a usar o sistema com algum grau de êxito, pois o conhecimento, uma dádiva da Deusa, altera a percepção. Joseph Campbell não pôde continuar sendo católico depois de estudar os padrões mitológicos, e numerosos historiadores deixaram de lado a religião ao descobrirem as origens das várias convicções religiosas; portanto, não deve ser considerado incomum que, ao repelir as religiões dominantes, uma pessoa rejeite também um sistema mágico vinculado a essas crenças. Meu objetivo aqui é tentar localizar os elementos subjacentes até mesmo aos sistemas mágicos fundamentados em crenças modernas e trazê-los para um primeiro plano.

História da Arte

A beleza da prática Verde está no fato de que o riso e a exploração não destroem a atmosfera criada para o trabalho mágico. Na realidade, a Senhora e o Senhor florescem no riso e desejam que seus filhos sejam felizes. Mesmo na Bruxaria, existe um tipo diferente de problema, semelhante ao da abordagem ritualística do Ceremonialismo, que precisa ser tratado por meio de uma visão equilibrada e atual da Arte e de como ela está vinculada aos elementos Verdes dos tempos antigos. Um grande número de artigos e algumas obras acerca do tema das origens da Wicca foi, e, sem dúvida, continuará a ser escrito, ao longo dos anos. A questão real provocada por essas obras não é como se desenvolveu a Wicca ou quais são suas origens, mas até que ponto ela é capaz de resistir à análise e à pesquisa histórica. Se as pessoas abandonam as religiões dominantes por não resistirem a uma revisão crítica, por que razão, então, ao aproximar-se da magia e da Arte não iriam proceder a este mesmo grau de exame minucioso? A maneira de uma pessoa responder ao desenvolvimento da Arte moderna afetará sua forma de (ou se) praticar Bruxaria e magia. É preciso que cada indivíduo encontre satisfação pessoal naquilo que faz para seus desenvolvimentos espiritual, físico, emocional e intelectual, e ao fazê-lo, parafraseando Joseph Campbell, cada um virá a saber que tipo de felicidade está buscando.



A bruxa, cujo enfoque está no Verde, afasta-se da criação artificial, adotando em seu lugar a religião primitiva que reverencia as forças naturais ativas na criação do mundo.